

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

**FRAGMENTOS DO FEMININO: DA MULHER OBJETO À
MULHER (A) COMO SIGNIFICANTE**

KIZZY CLARE AMIUNA

Orientadora: Maria Cristina Candal Poli

Rio de Janeiro, março 2020

KIZZY CLARE AMIUNA

**FRAGMENTOS DO FEMININO: DA MULHER OBJETO À
MULHER (A) COMO SIGNIFICANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, sob Orientação da Prof^a. Dra. Maria Cristina Candal Poli.

Rio de Janeiro
2020

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

KIZZY CLARE AMIUNA

Dissertação apresentada em __/__/__

Orientadora Prof^a. Dra. Maria Cristina Candal Poli
Universidade Federal do Rio de Janeiro

1^a Examinadora Prof^a Dra. Nuria Malajovich Munoz
Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro

2^a Examinadora Prof^a Dra. Vera Pollo
Universidade Veiga de Almeida do Rio de Janeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A517 Amiuna, Kizzy Clare.

Fragmentos do feminino: da mulher objeto à mulher (ã) como
significante / Kizzy Clare Amiuna. 2020.

77 f.

Orientadora: Maria Cristina Candal Poli.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria
Psicanalítica, 2020.

1. Psicanálise. 2. Feminilidade. 3. Sexualidade feminina. 4. Histeria.
5. Mulheres. I. Poli, Maria Cristina Candal. II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

Sumário

AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO:.....	9
2. CAPITULO I – HISTÉRICA, SEXUALIDADE E SEUS DESTINOS.....	15
2.1. A histérica: a primeira mulher.	16
2.2. Sexualidade... feminina?.....	24
2.4. Os destinos da feminilidade: uma aposta?.....	32
3. CAPÍTULO 2 - 1949: SIMONE DE BEAUVOIR E LEVI-STRAUSS.....	37
3.1. Simone de Beauvoir e a recusa a mulher castrada	38
3.2. A (verdadeira) troca de mulheres: uma leitura de Lévi-Strauss guiada por Gayle Rubin	44
4. CAPÍTULO 3 - A MULHER COMO SIGNIFICANTE?.....	52
4.1. Édipo, falo e desejo – a releitura de Lacan.....	53
4.2. Histeria: estrutura e discurso.....	60
4.3. A mulher enquanto significante?: escrita e sexuação.....	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6. BIBLIOGRAFIA	74

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Denise, que sempre me mostrou um outro lugar para as mulheres, que me mostrou que é através do trabalho e do amor que podemos conquistar o mundo. Uma mulher que apostou em mim em todas as etapas da minha vida e que sem o incentivo dela esse trabalho não seria possível.

Ao Rômulo, por ser um companheiro espetacular, por ser amoroso, paciente e me trazer alegria no dia a dia. Por acreditar, por aprender junto comigo a importância da parceria, por estar comigo nas lutas, nos bares, nas cervejas e na beleza que é viver rodeada de amor.

À Catarina, minha sobrinha, que me mostra a beleza de cada dia com descobertas que para você são tão novas e pra minha já eram tão banais, obrigada pela doçura e pela graça. Você é um presentão na minha vida.

Ao Ramiro Faria, amigo e colega de academia, que sempre esteve presente nas trocas teóricas, na leitura atenta e nos comentários preciosos durante essa dissertação. Para além da academia, é um amigo essencial, engraçado, parceiro e carinhoso. Obrigada por sempre estar junto.

Aos meus amigos, Eddy, Matheus, Ramon, Pedro e Tati pela amizade sincera, pela bobeira, pelos risos e silêncios, pela responsabilidade que conseguimos ter uns com os outros. Por todos os fins de semana que nos encontramos para “fazer nada”, por todos os momentos que nos demos suporte. Vocês são a família que eu escolhi.

Aos amigos, Ian Lacerda e Luiza Savi, que dividiram comigo esses dois anos de pesquisa, estudo, risadas, desesperos e que ao final, além da elaboração desse trabalho, carregou a certeza de dois grandes amigos que esse mestrado me apresentou.

À Marina Sereno, amiga de longa data que sempre está presente nos meus pensamentos e que é uma parceira de vida e de academia. E à Julia Fernandez, por ser uma pessoa viva e dinâmica, por ser uma amiga de verdade.

Ao colega de estudo, Augusto, pelas trocas que fizemos nesses últimos meses e pelo suporte que você deu para esse trabalho.

À Glória Castilho, obrigada por ser a escuta que de tempos em tempos marca a importância do trabalho de análise.

À Maria Cristina Poli, orientadora que topou embarcar comigo nesse emaranhado de fragmentos teóricos e que sempre esteve presente para me auxiliar e sugerir como deveria seguir para que este trabalho ficasse minimamente do jeito que queríamos.

À Nuria Malajovich, por ter causado há quatro anos atrás as questões que hoje levanto e sustento aqui. Por ter me mostrado que escrever e produzir pode ir além de uma demanda institucional, que me mostrou a importância da troca teórica e sempre foi atenciosa nas suas contribuições.

À Vera Pollo, por ter concordado em participar da banca avaliadora dessa dissertação.

Ao Pedro Ambra, por ter ajudado em diversos momentos esse trabalho, por ter contribuído com palavras e orientações sinceras, mesmo que distante fisicamente, está presente neste trabalho.

Aos colegas de estudo da Escola Letra Freudiana.

Aos funcionários, Alice e Zé Luiz, por serem atenciosos e pacientes com todos os alunos e sempre se colocarem a disposição para resolver as questões burocráticas que surgem no meio dessa trajetória.

Ao Programa de Pós-Graduação da Teoria Psicanalítica da UFRJ por promover o espaço necessário para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao CAPES pelo apoio financeiro fundamental para essa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar os fragmentos da noção de feminino na teoria freudiana passando por três eixos teóricos fundamentais para tal entendimento: a histeria, a sexualidade feminina e os destinos da feminilidade. Ao articular a teoria freudiana com as elaborações posteriores feitas por Simone de Beauvoir e Lévi-Strauss pode-se perceber que há um lugar ambivalente para a mulher dentro da teoria psicanalítica onde fica impossível teorizarmos sobre essa posição sem levar em conta a história e a política. É a partir dessa conclusão que chego a Jacques Lacan para pensar o que ele pôde fazer enquanto uma releitura de Freud bem como suas contribuições acerca de uma teoria possível do feminino na psicanálise. O trabalho se encerra com a questão sobre a relação do significante fálico e o não-todo fálico, ou seja: o que tem a ver o significante e não todo com a questão do feminino?

Palavras-chave: feminino; mulher; psicanálise; feminismo; ciências sociais.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objectif d'explorer les fragments de la notion de féminin dans la théorie freudienne en passant par trois axes théoriques fondamentaux pour une telle compréhension: l'hystérie, la sexualité féminine et les destins de la féminité. En articulant la théorie freudienne avec les élaborations postérieures faites par Simone de Beauvoir et Lévi-Strauss, on peut percevoir qu'il y a un lieu ambivalent pour la femme dans la théorie psychanalytique où il est impossible de théoriser sur cette position sans prendre en compte l'histoire et la politique. C'est à partir de cette conclusion que j'arrive à Jacques Lacan pour penser ce qu'il a pu faire en tant que relecture de Freud, ainsi que ses contributions à une théorie possible du féminin en psychanalyse. Le travail s'achève avec la question du rapport du signifiant phallique et du pas-tout phallique, c'est-à-dire: qu'est-ce que le signifiant et le pas-tout ont à voir avec la question du féminin?

Mots-clé: féminin; femme; psychanalyse; féminisme; sciences sociales

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo explorar los fragmentos de la noción de femenino en la teoría freudiana, pasando por tres ejes teóricos fundamentales para tal entendimiento: la histeria, la sexualidad femenina y los destinos de la feminidad. Al articular la teoría freudiana con las elaboraciones posteriores realizadas por Simone de Beauvoir y Lévi-Strauss, se puede percibir que hay un lugar ambivalente para la mujer dentro de la teoría psicoanalítica donde es imposible teorizar sobre esta posición sin tener en cuenta la historia y la política. Es a partir de esta conclusión que llego a Jacques Lacan para pensar en lo que él pudo hacer como una relectura de Freud, así como en sus contribuciones sobre una posible teoría de lo femenino en el psicoanálisis. El trabajo termina con la cuestión sobre la relación del significante fálico y el no-todo fálico, es decir: ¿qué tiene que ver el significante y el no-todo con la cuestión del femenino?

Palabras clave: femenino; mujer; psicoanálisis; feminismo; ciencias sociales

1. INTRODUÇÃO:

A clínica psicanalítica sempre foi o ponto de partida para a elaboração teórica, e não será diferente neste trabalho. Desde que comecei a adentrar o tema da mulher dentro da psicanálise, me dei conta de como estava no meio de uma teoria em construção, em um caminho espinhoso que exigiria escolhas.

Esta pesquisa não começou no curso de mestrado, muito menos se encerrará nele. Dei início a essa pesquisa muito antes de me dar conta. Entretanto, é preciso escrever, se debruçar e trabalhar.

A questão da mulher (principalmente os debates feministas no Brasil¹) tem tomado um espaço cada vez maior em diversos ambientes: é uma questão na cena universitária, em diversos grupos de leituras e até na política atual (Hollanda, 2019, p.9). O meio artístico e midiático tem produzido diversos filmes, programas e novelas em que o tema aparece constantemente. Figuras e narrativas de mulheres têm tomado cada vez mais os lugares e histórias, depois do levante feminista, começaram a ser recontadas a partir de uma perspectiva diferente². Adolescentes e crianças desde cedo já têm acesso a palavras como feminismo, machismo, opressão e o direito a falar de seu lugar³. Diante desse novo momento no Brasil, muitos pesquisadores (de diversas áreas) se veem inclinados a tomar um partido dentro da discussão. É a partir disso que começo minha exposição. Trabalhando com a psicanálise, me deparei com diversas críticas, principalmente das feministas, sobre como nós⁴ (os psicanalistas) abordamos a questão da mulher.

¹ O movimento feminista tem origem no século XVIII (Cornell, 2018). Tanto na Europa como no Brasil, diversas mulheres foram à luta por direito de voto nesse momento.

² Um exemplo desse é a série da Netflix, “*The Crown*” que conta a história da Rainha Elizabeth II de uma maneira espetacular do ponto de vista da própria divisão entre a mulher de seu século e o lugar que teve que assumir como monarca e líder de um determinado poder. A história não é uma biografia autorizada, entretanto, é curiosa a forma que a narrativa se apresenta: ao invés de mostrar uma mulher que se recolhe em sua submissão, seja ao primeiro ministro de seu país ou ao seu marido, a série escolhe construir uma narrativa na qual uma mulher toma o protagonismo de seu papel.

³ Em agosto de 2018 um grupo de alunas se reuniu coletivamente e denunciaram uma série de professores que cometiam abusos com elas. A mobilização não tomou só uma escola do Rio de Janeiro, e sim uma série de escolas particulares. Utilizando a *hashtag* “#assedioéhábitono(nome do colégio)” as alunas não só fizeram a denúncia como se organizaram de forma pacífica e propuseram uma série de medidas e conversas sobre o tema com a direção das escolas. Pude acompanhar o processo de perto porque na época estava trabalhando como psicóloga escolar de uma dessas escolas. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/denuncias-de-casos-de-assedio-em-escola-do-rio-explodem-nas-redes/>

⁴ Utilizo a primeira pessoa do plural aqui para dar a importância a diversos trabalhos que estão sendo realizados por muitos psicanalistas a respeito do tema.

A psicanálise vem sendo questionada sobre seu lugar dentro de um sistema que parece excluir qualquer posição diferente da norma⁵. A psicanálise é normativa? Que tipo de psicanálise podemos sustentar diante dessa questão? Servimos a que senhor? Quem trabalha com a psicanálise pode até se espantar de tal acusação, todavia temos que sustentar um momento de escuta de tais críticas e colocarmo-nos ao trabalho.

Entretanto, é necessário organizar melhor essa pesquisa antes mesmo de prosseguir. No que concerne às questões que esse trabalho levanta, podemos situar algumas. A primeira grande questão parte da partilha dos sexos, ou seja: como a psicanálise constrói narrativamente sua concepção dos sexos? Mais especificadamente, o que a psicanálise diz sobre a mulher? O que Freud pôde contribuir com novo discurso que ele inaugurava? Se a psicanálise é uma teoria que tem em seu núcleo a sexualidade, como pensar a sexualidade da mulher, a sexualidade feminina? Eu diria que essas são perguntas gerais, que servirão como guias do trabalho do início ao fim. Segundo Birman (2016), a discussão sobre as diferenças sexuais, ou seja, entre homens e mulheres, nem sempre esteve presente, o que nos leva a sublinhar que esse é um debate recente, tanto na psicanálise quanto na história.

Nesse ponto, a teoria feminista pode ser útil para nos fornecer uma forma de pensar a construção da feminilidade. Esse é o caso de Silvia Federici (2017) que, no seu livro “Calibã e a Bruxa”, destaca toda a importância, na passagem de um sistema feudalista para um sistema capitalista, dada para que a mulher se estabelecesse dentro de uma determinada posição submetida ao homem. O significado que a autora dá à palavra “mulheres” “significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas” (*ibid.*, pág. 27).

O que está na base da divisão sexual, para essa autora, é toda a relação que o movimento que, da caça às bruxas ao desenvolvimento de uma nova divisão de trabalho (proletariado e burgueses), confinaria as mulheres ao trabalho reprodutivo (o lugar da “bela, recatada e do lar”⁶), uma vez que a identidade sexual se transmuta no suporte necessário das funções do trabalho. Além disso, ela propõe que “o gênero não deveria ser

⁵ Paul B. Preciado (2019) estava presente nas jornadas N°49 da *École de la cause Freudienne* e questionou a plateia quantos ali presentes se reconheciam como não binários, ou quanto tempo demorou pra muitos dos psicanalistas se permitirem assumir sua própria homossexualidade. Não me demorarei nessa transcrição agora, mas pretendo retomá-la, pois ela traz algumas críticas que pretendo demonstrar e desenvolver nesse trabalho.

⁶ Slogan utilizado pela revista *Veja* em Abril de 2016 para descrever Marcela Temer (esposa do ex-presidente Michel Temer e primeira-dama do Brasil)

tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe” (*ibid.*, pág. 31).

A questão que muda do feudalismo pra o capitalismo⁷ é justamente a relação do homem e da mulher. No feudalismo, o sistema principal consistia na violência dos senhores com os seus servos, ao passo em que as mulheres “trabalhavam nos campos, além de criar os filhos, cozinhar, lavar, fiar e manter a horta; suas atividades domésticas não eram desvalorizadas e não supunham relações sociais diferentes das dos homens” (*ibid.*, pág. 53). No entanto, a partir do capitalismo (fim do séc. XVI e início do séc. XVII⁸), o que estará em jogo é justamente esse apelo ao biológico no qual a mulher torna-se um mero suporte do homem.

Outra autora que vai pelo caminho de uma construção histórico-social é Gayle Rubin no texto intitulado “Tráfico de Mulheres” (1975). A partir de uma leitura marxista, a autora traça aspectos estruturais e antropológicos que serão de grande importância para meu trabalho, apoiada nos textos de Freud e Lévi-Strauss, que serão de grande importância para o meu trabalho. Gênero e sexo são definidos aqui como um sistema, ou seja: trata-se justamente de uma série de arranjos que a sociedade faz com uma sexualidade biológica “em produtos da atividade humana” (*ibid.*, p.11). No segundo capítulo, pretendo voltar a essas questões que surgem com o meu encontro com as ciências sociais e que acredito serem de suma importância para pensarmos a relação que a psicanálise vai construindo a partir de 1950 com Jacques Lacan.

No primeiro capítulo deste trabalho, partirei inicialmente de Freud e sua relação com as históricas, que acredito ser de extrema importância para levantar a questão do que é a mulher. Ou melhor: é possível pensar que Freud criou uma teoria sobre o feminino? Ou sobre a mulher? Mulher e feminino são sinônimos? Quais foram as concepções freudianas importantes para desenvolver as primeiras perguntas colocadas no trabalho?

⁷ Por capitalismo entende-se um sistema econômico, social e político que fundamenta “não apenas uma relação simbiótica entre o trabalhador assalariado contratual e a escravidão, mas também, e junto com ela, a dialética que existe entre acumulação e destruição da força de trabalho, tensão pelas quais as mulheres pagaram um preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas” (*ibid.*, pág. 37). Ou então pode-se utilizar a definição que Gayle Rubin dá partindo de Marx: “o capitalismo se distingue de todos os outros modos de produção por ter como único objetivo a criação e a expansão do capital”; “o capitalismo é o conjunto de relações sociais – formas de propriedade etc. – no qual a produção consiste em transformar o dinheiro, as coisas e as pessoas em capital. E o capital é uma quantidade de bens ou de dinheiro que, ao ser trocado por trabalho, se reproduz e se expande extraindo trabalho não pago, ou mais-valia, da mão de obra para si próprio”. (Rubin, 1978, pág. 13)

⁸ Há uma incerteza em relação ao século em que o capitalismo se estabeleceu como sistema econômico-político. Por conta disso, uso o mesmo século que a autora propõe para essa passagem efetiva.

O pai da psicanálise não contava com algumas teorias que surgiriam apenas após a criação da própria psicanálise, como por exemplo a teoria de gênero, a linguística, ou a concepção de lógica que tanto influenciou Lacan em seu desenvolvimento da tábua da sexualização. Entretanto, Lacan aconselha inúmeras vezes em seu ensino ao leitor retornar à Freud. Como pensar, então, o caminho de Freud nessa conceitualização?

A partir dessas questões recorro três fragmentos da teoria freudiana que localizam algum traço da discussão que me interessa: a histeria, a sexualidade enquanto feminina e os destinos da feminilidade. Esses são três eixos que me possibilitarão tecer uma hipótese sobre o estatuto e o lugar que se encontra a mulher (e a teoria da feminilidade) dentro da teoria freudiana. O trabalho realizado com as histéricas é de tamanha importância, pois retoma a própria história da psicanálise (AMBRA, 2014). Os desenvolvimentos teóricos que Freud faz em prol de sua clínica auxilia esse trabalho da histeria, uma estrutura que guia o mestre a um furo. Já a sexualidade feminina aparece a partir de 1920 como um avanço na teoria, pois, até então, ao se referir à sexualidade, ela era tomada em um lugar de equivalência a sexualidade do menino. Após a elaboração da segunda tópica, com a mudança das teorias pulsionais, Freud se depara com a possível diferença constitutiva entre meninos e meninas. E por último – e não menos importante – os destinos que o pai da psicanálise dá à sexualidade feminina: a frigidez, o masculinizar-se e a maternidade, sendo este último o caminho para a verdadeira feminilidade (FREUD, 1931). É a partir desses destinos que se pode tirar as consequências entre uma leitura dos fatos históricos e algo que marca uma estrutura, como retomarei no capítulo três.

As histéricas causaram um rebuliço no século XIX porque o discurso médico de sua época não conseguia dar lugar ao seu sofrimento. Ao contrário dos médicos que só estavam preocupados em curar as histéricas, Freud se preocupou em localizar a fala delas dentro de seu sofrimento. Há uma realidade discursiva que Freud foi capaz de acolher escutando o sintoma a partir de um lugar diferente do discurso médico. Existe uma leitura diferenciada e particular que Freud faz do sintoma para lhe dar seu estatuto de verdade. O sintoma histérico obviamente não encontrava sua etiologia na fisiologia, e sim, no psiquismo e na dinâmica do inconsciente. Sua causa não era uma afirmativa, e sim uma pergunta: do que sofrem essas mulheres?

Maria Rita Kehl (2016) localiza a histeria como uma resposta a toda essa fundamentação da mulher como objeto da narrativa dos homens. Meu interesse, portanto, é pensar em como Freud pensou essa resposta, ou melhor, como ele pensou nas consequências psíquicas de uma vida sem vontade para essas mulheres. Para muitas

dessas mulheres sua vida era resumida a uma determinada função, portanto não haveria um lugar específico para o desejo enquanto movimento (retornarei mais adiante a elaborar melhor a relação de histeria e desejo). E resta a questão de quais foram as contradições necessárias que Freud precisou sustentar para que não houvesse uma essencialização da mulher em seu discurso. Uma posição dividida: essa é a posição de Freud.

No segundo capítulo desta dissertação trabalharei três textos que não foram escritos por psicanalistas, que são textos localizados no campo das ciências sociais. Influenciada pela leitura feminista, pude notar a necessidade de conectar o discurso crítico feminista ao discurso subversivo da psicanálise. Parece que ao chegar em determinadas questões, como o feminino, se faz necessário o esforço de avançar junto a outras perspectivas.

O primeiro texto a ser abordado será a crítica por parte de Simone de Beauvoir à teoria psicanalítica, ou melhor, à concepção que Freud dá às mulheres. O objetivo de ir ao texto da filósofa francesa é o de poder tomá-lo a partir de uma crítica construtiva e fundamental à psicanálise. Por mais que a leitura de Beauvoir não esteja de acordo com muitas leituras psicanalíticas, não se pode negligenciar dois pontos que ela consegue trazer à tona com o seu texto: o primeiro, o lugar da sexualidade feminina submetida à sexualidade masculina. E o segundo ponto é a leitura que ela sugere sobre a psicanálise, ou seja, uma leitura que encontra sua verdade a partir de uma determinada história.

O encontro de uma Beauvoir que pensa a mulher como o Outro sexo parece ser um encontro importante pois nos leva diretamente à leitura que pouco anos depois Lacan fornecerá de uma lógica de desejo baseada no desejo do Outro. A pergunta que Freud leu na histeria e na mulher foi: como posso eu não sofrer com minhas memórias, com minha sexualidade e com minha falta? Lacan localizará essa falta no campo do Outro e trará uma pergunta modificada da histeria: que falta faço ao Outro? A denúncia por parte da autora sobre a mulher enquanto castrada e submetida à lógica dos homens, e ao mesmo tempo seu reconhecimento de que a psicanálise é uma teoria que avança quando trabalha a sexualidade me leva diretamente ao próximo texto.

O segundo ponto a ser explorado será a elaboração que Lévi-Strauss faz da família e o que ele encontra como sendo a base dessa instituição, a saber, as mulheres. Pouco preocupado com o caráter político de sua descoberta, Lévi-Strauss parece não querer ver ou notificar o óbvio. Se há um sistema de simbolizações, um sistema de troca, um sistema que influencia a constituição subjetiva de pessoas, como se pode ignorar o que está na base dele? Ou, ao menos, como pode ignorar que objeto movimenta a estrutura?

As mulheres, esses objetos de troca, não podem ser ignoradas do próprio processo que elas sustentam. É necessário trazer a narrativa com seus pesos e suas medidas. Parece curioso, mas a própria Beauvoir diz que em um momento de crise é o direito das mulheres que são ameaçados em primeiro lugar (BEAUVOIR, 1949 [2016]). Por que será?

Quem traz a discussão da troca das mulheres para o campo político é a escritora norte americana Gayle Rubin com seu artigo “Tráfico de Mulheres” (1975). A autora disserta sobre a importância de pensarmos o porquê a mulher ser tão importante dentro de um sistema (o de trocas, o capitalista) e, ao mesmo tempo, como os autores que pensaram esse sistema pouco se esquivaram de dar às mulheres seu lugar de destaque. Marx e Engles, Lévi-Strauss, Lacan e Freud são os autores citados no artigo de Gayle Rubin. O que será que esses autores têm em comum? Talvez esse lugar de esquiava? O texto é importante pois localiza dentro da teoria política marxista, da teoria simbólica e psíquica uma falha ao tratar das questões das mulheres, ou do gênero. O tom não poupa o leitor de se deparar com o inevitável: pouco essas teorias avançaram na discussão sobre as mulheres e seu papel na política, no simbólico e no psiquismo.

O terceiro capítulo abordará alguns pontos do primeiro capítulo, mas através da releitura que Jacques Lacan fez da obra freudiana. Esse capítulo tem por objetivo saber quais são as questões que se sustentam dessa pesquisa e quais sofre alterações. O que eu quero dizer com isso? Foi levantado ao longo desse trabalho a pergunta sobre o lugar da mulher na psicanálise, ela é submetida a lógica dos homens? Sua sexualidade é uma sexualidade que se constitui a partir de uma inferioridade da mulher ao homem? Os destinos da feminilidade – levantados por Freud – são destinos de uma época ou são estruturas fixas que se mantém até hoje? Com a releitura de Lacan, alguns conflitos freudianos são resolvidos, como por exemplo a confusão que se fazia entre pênis e falo, mas, ainda, restam algumas questões a serem elaboradas.

O trabalho que Lacan realiza de retirar o estatuto imaginário do Édipo, ou seja, não se tratará de mamãe ou papai de carne e osso, e sim de uma função materna e paterna que incide no próprio sujeito e tem uma função simbólica: há o cuidado, o lugar privilegiado, que supre todas as necessidades iniciais do bebê e há a lei que barra esse cuidado, que diz ao bebê que terá um breve momento que suas demandas terão que esperar.

Outro ponto a ser retomado nesse capítulo é a construção teórica que Lacan realiza no seu “Seminário – Livro IV: a relação de objeto” (1956/57) do caso Dora. Lacan monta

três esquemas topológicos para explicar o que estava em jogo no caso Dora, a saber, a pergunta do que é uma mulher.

E por último, explorarei brevemente o que está escrito nas fórmulas da sexuação elaboradas por Lacan em 1970. Lembrando que há nessas fórmulas uma que corresponde a lógica Homem e outra que corresponde a lógica mulher. E aqui há a insistência da pergunta: que mulher é essa? É mulher, sexo ou gênero feminino? Por que essa nomenclatura de um lado homem e um lado mulher?

2. CAPITULO I – HISTÉRICA, SEXUALIDADE E SEUS DESTINOS

A teoria freudiana é sem dúvida uma teoria sobre a sexualidade, sobre o psiquismo e também uma teoria clínica que possibilita que pessoas possam encontrar modos de lidar melhor com aquilo que lhes causa sofrimento. O que me interessa neste primeiro capítulo é poder explorar os textos freudianos a partir da seguinte questão: o que Freud falou das mulheres? Há uma teoria sobre o que é a mulher em Freud? Há uma teoria sobre a feminilidade, mas isso coincide com uma pessoa mulher?

A histeria é um ponto de partida de Freud para elaborar a teoria psicanalítica. O texto “Estudos sobre histeria” (1895), que Freud escreve juntamente com Breuer, é um texto pré-psicanalítico, mas nele já notamos uma série de conceitos que mais tarde irão aparecer em outros textos. Trata-se do primeiro momento da psicanálise e ela se inicia com mulheres!

A histeria já existia antes, como mostrarei a seguir, mas é com Freud que ela toma o lugar de estrutura e que pode ser tratada de uma outra maneira. Uma vez que, segundo Freud, a histeria depende dessa lógica estrutural, ou seja, se a ela é uma maneira do sujeito lidar com seu sintoma, com seus desejos, se é um mecanismo de defesa que implica uma lógica de se articular com o Outro, isso significa que a histeria não é restrita às pessoas do sexo feminino: ela é possível em homens. Ao que nos parece a histeria nos dá dicas sobre algo do sexual, ou seja, ela coloca a própria questão sobre o que é ser sujeito para o feminino.

Neste capítulo verei também a sexualidade como ponto central da teoria freudiana, e até mesmo da psicanálise. Trabalharei a relação de sexualidade com a sexualidade feminina e abordaremos os três destinos da feminilidade em Freud.

2.1. A histérica: a primeira mulher.

Embora tudo seja tão frágil. Sinto-me tão perdida. Vivo de um segredo que se irradia em raios luminosos que me ofuscariam se eu não os cobrisse com um manto pesado de falsas certezas. Que o Deus me ajude: estou sem guia e é de novo escuro. (Clarice Lispector, *Água Viva*)

A primeira pergunta que faço nesse primeiro capítulo é: será que há, na teoria freudiana, uma conceitualização da mulher? O que interessava para Freud nesse tema? Quem seria a mulher freudiana?

A primeira mulher a habitar o mundo, segundo a religião católica, foi Eva, originada da costela de Adão e destinada, junto a ele, a manter a vida em paz no paraíso. Eva não soube respeitar a única condição que seu Deus lhe deu, a de não comer o fruto proibido, e por conta disso ela e Adão foram jogados para fora do paraíso⁹. É interessante pensar Eva e a Histérica numa relação metafórica para localizar a importância que as histéricas tiveram para o fundamento da psicanálise (assim como Eva teve para o fundamento do mundo). As histéricas não foram uma invenção de Freud, mas é a partir delas que ele pôde inventar a psicanálise. De qualquer modo, gostaria de propor uma outra questão: que outra mulher no mundo, além de Eva, poderia ousar a desafiar uma imposição de Deus e abrir mão de viver no paraíso para experimentar o fruto proibido?

A histeria não tem sua origem no século XIX – muito pelo contrário. Na antiguidade, a doença do *hystera* localiza-se no útero e acomete as mulheres simplesmente por terem um órgão diferente dos homens: o útero.

Muito antes, desde 1900 antes de Cristo, com o papiro Kahoun, a medicina egípcia falava da histeria da mesma maneira que Hipócrates e seus sucessores, Celso, Areteu, Galeno. Só o nome de Hipócrates, contudo, transpôs os séculos para dar à histeria uma origem uterina. De fato, por que esses sintomas de convulsão, de bolo na garganta, de paralisia? Por causa de uma constrição e de uma sufocação que vem da migração do útero que sobe de baixo para cima. (KAUFMANN, 1996, p.246)

A cura para essa doença era fazer com que o útero retornasse ao seu devido lugar. Para que isso ocorresse era preciso manter o órgão ocupado com “relações sexuais, trabalhos manuais e gestações” (*ibid*, p.246).

Kaufmann (1996) em “Dicionário Enciclopédico de Psicanálise” demonstra que na idade média, com o cristianismo, ao invés de histéricas havia as feiticeiras, as bruxas

⁹ Gênesis 2 e Gênesis 3, disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>

possuídas por uma força demoníaca. As mulheres que tinham qualquer domínio sobre seu corpo ou sobre alguma de suas vontades eram caçadas e queimadas porque serviam a uma lógica (ou a um senhor) diferente à lógica religiosa pregada pela igreja cristã.

Com o renascimento e o surgimento da psiquiatria teremos novamente as históricas dentro do quadro de uma doença. Entretanto, agora é o discurso médico que tentará dar as respostas para seus sintomas. O curioso é que, a partir do fim do século XIII e início do século XIX, o número de mulheres históricas na Europa começa a aumentar exponencialmente, fazendo com que os médicos ficassem perdidos e sem saber o que fazer.

Se, como vimos na introdução, há um discurso estruturado que colocou as mulheres em um determinado lugar, nos cabe pensar se a histeria não seria a consequência desse movimento. Ao colocar as mulheres em uma determinada posição diante dos homens, posição em que elas deveriam ser objetos de trocas entre famílias, uma posição onde “o desejar além ou outra coisa” (ou até mesmo outra pessoa) não tinha lugar, essas mulheres se mantinham em uma posição fixada como objetos dessas trocas.

A resposta a esta forma específica de "mais-alienação" – e à impossibilidade de levar adiante o recalçamento como solução para os impasses entre os ideais da feminilidade e as demais perspectivas abertas para as mulheres pela modernidade – foi a histeria, essa confusa demanda dirigida ao homem para que se faça mestre do desejo da mulher. Demanda que nenhum homem tem condições de atender e que os leva a perguntar, tão perplexos como Freud: "mas afinal, o que quer uma mulher?" (KEHL, 2016, p. 95)

Nesse momento, temos que pensar na mulher histórica da Áustria/Europa no século XIX: a mulher vitoriana. “Madame Bovary”, romance de 1857 escrito por Gustave Flaubert, é um excelente exemplo literário sobre a mulher vitoriana. Uma mulher do interior, originada de uma determinada classe social – a burguesia – e destinada a um casamento onde sua função seria a de ser mulher de um homem e mãe de seus futuros filhos. Entretanto, Emma Bovary, influenciada por suas leituras, logo se deu conta que o casamento não era o que lhe diziam os livros e, insatisfeita com sua vida, procura formas de se satisfazer para além de seu casamento. Nem isso será suficiente para a jovem Emma, que terá como única solução para sua infelicidade sua própria morte.

Maria Rita Kehl, em seu livro “Deslocamentos do feminino” (2016), faz uma aproximação da mulher da época de Freud com a personagem do livro de Flaubert (*ibid.*, p. 151) mas, segundo a própria autora, Flaubert teria feito uma história “alertando os(as) leitores(as) para a impossibilidade da ascensão social das mulheres” (*ibid.*, p.116). Em

última instância, portanto, “Madame Bovary” seria uma história com uma mensagem moralizante e pedagógica.

Foi com mulheres assim que Freud se deparou em seu consultório nos anos 1890; foi o sofrimento de outras Emmas mais discretas, substituindo as passagens ao ato de sua colega ficcional pela sintomatologia da conversão, que levou Freud a lançar a pedra fundamental do método e do pensamento psicanalítico em seu “Estudo sobre a histeria”. (*ibid.*, p. 151)

Mas, diferentemente do que o próprio Flaubert pode ter feito, Freud deu um outro direcionamento às mulheres de sua época. Dito isso, posso pensar, assim como Kehl, que a histeria é uma manifestação da vida das mulheres num período em que “os ideais de feminilidade entraram em um profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas mulheres enquanto sujeitos” (*ibid.*, p.152), ou seja, as mulheres da burguesia austríaca começaram a se questionar, mesmo que a um nível inconsciente¹⁰, sobre seus lugares enquanto mulheres.

Podemos propor, seguindo os textos que nos guiam, que a histeria é a seqüela das repressões das mulheres, das opressões sexuais e dos abusos. Trata-se de uma forma que as mulheres encontraram para ir além do papel de mãe, uma outra possibilidade de alcançar uma feminilidade socialmente legitimada.

Esse tipo de manifestação por parte das mulheres causou um rebuliço no século XIX porque ninguém conseguia entender seus sintomas partindo do discurso médico (um discurso pautado na lógica positivista da época). Como era possível paralisar metade do braço se o nervo responsável deveria paralisar o braço inteiro? Como era possível uma cegueira se, submetidas a determinados exames, seus olhos reagiam a todo tipo de estímulo, mas ainda assim, essas mulheres continuavam sem enxergar?

Para os médicos, essas mulheres eram loucas, fingidas e insatisfeitas sexualmente. Contudo, não eram somente os médicos que se confrontavam com essas novas modalidades de sintomas. Segundo Didi-Huberman (2015), os artistas da época faziam filas e mais filas para entrar nos hospícios e nos hospitais onde essas mulheres estavam para pintarem e se inspirarem em seus sofrimentos.

(...) histeria, em todos os momentos de sua história, foi uma dor forçada a ser inventada, como espetáculo e como imagem; chegou até a inventar a si mesma (sua imposição era sua essência), quando fraquejou o talento dos fabricantes patenteados da Histeria. Uma invenção: um evento dos significantes. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.21)

¹⁰ Coloco aqui a presença do inconsciente porque esses questionamentos vinham em forma conversiva, ou seja, sintomatizados.

Em “Estudos sobre histeria” (1895) Freud e Breuer demonstram uma série de sintomas sobre as histéricas e desenvolvem detalhadamente cinco casos. Quatro são casos apresentados por Freud e um é apresentado por Breuer.

O primeiro caso apresentado por Freud é o de *Frau Emmy von N*, que sofria de tiques nervosos, assim como uma série de outros sintomas que teriam aparecido após a morte inesperada de seu marido – da qual ela teria se sentido culpada. O segundo caso, Miss Lucy, sofria de uma falta de sensibilidade olfativa, uma certa dificuldade de sentir cheiros. Quando questionada se ela sentia algum cheiro, ela disse: sim, o constante cheiro de uma torta queimada. Ela associava sua doença à situação insustentável da casa onde trabalhava, relatava que os funcionários, por algum motivo, começaram a perseguir e implicar com ela, mas que era extremamente difícil pedir demissão pois havia prometido à mãe das crianças, que estava doente e acamada, que cuidaria delas como se fossem seus próprios filhos. Freud não sentiu que aquilo era o motivo real e insistiu nas sessões de hipnose. O motivo surgiria mais adiante: a governanta havia se apaixonado por seu patrão e numa determinada cena, em que ele teria reprimido ela por algum motivo, a paciente concluiu que ele não teria os mesmos sentimentos por ela.

O terceiro caso, de *Fraulein Katharina*, não chegou a ser um caso atendido tradicionalmente por Freud. Foi, na verdade, uma conversa com uma jovem no meio de suas férias. A menina viu que Freud era médico e foi ao seu encontro reclamar que “sofria dos nervos” e que tinha “muita falta de ar. Nem sempre, mas às vezes é tanta que acho que vou sufocar” (1895, p.181). Após uma conversa entre o médico e a paciente, chegaram a duas cenas: uma mais recente, na qual ela flagra sua prima e seu tio estranhamente juntos e a segunda cena, mais antiga, seria do seu tio tentando ficar em cima dela e ela pedindo-o para parar. Após o relato dessas duas cenas e da descrição de seus detalhes, Freud repara que o rosto da menina mudou, parecendo muito melhor (FREUD, 1895).

No último caso, *Fraulein Elizabeth* sofria de incapacidade de andar por conta de dores nas pernas. Tais sintomas tiveram início quando sua irmã morreu e ela se viu extremamente próxima de seu cunhado. Ela inclusive já teria pensado em como sua irmã era sortuda e como seria bom se ela que fosse a esposa deste homem.

Em todos os relatos vemos um elemento em comum, que é a importância que os pais, os tios, os cunhados, os irmãos tomam para a narrativa dessas mulheres: todos eles cumprem um papel importante. Segundo Mitchell (2006) “a análise de Freud levou-o

primeiro à noção de que a histeria era causada por uma sedução real do pai” (p. 69) e somente depois é que ele pôde elaborar a sua teoria da fantasia e o complexo de Édipo.

Outro caso que é de suma importância para a presente pesquisa é o caso Dora. Nele, vemos como as fantasias não se diferem da realidade, muito pelo contrário: são elas que importam em uma análise e devem ser tomadas em seu estatuto de verdade, uma vez que a realidade é, ela mesma, estruturada a partir da própria fantasia. Dora é uma jovem sagaz e inteligente de 18 anos que é levada ao consultório de Freud pelo pai com sintomas de origem de uma neurose dita histérica (enxaquecas, várias doenças, tosse nervosa, perda de voz, pressão no peito, etc.). Entretanto, houve um episódio que foi crucial para que o pai a levasse para ser tratada com Freud:

Um dia, os pais se horrorizaram ao encontrar, dentro ou sobre a escrivaninha da garota, uma certa carta em que ela se despedia deles, dizendo não conseguir mais suportar a vida. O pai, sendo um homem perspicaz, imaginou que não havia séria intenção de suicídio por parte da garota, mas ficou abalado, e quando, um dia após uma banal discussão entre ele e a filha, esta perdeu a consciência pela primeira vez, num acesso que depois cedeu a amnésia, determinou-se, apesar da relutância da garota, que ela deveria iniciar um tratamento comigo. (FREUD, 1905, p.195)

A família de Dora havia estabelecido uma relação muito íntima com uma outra família, nomeada como a família K. A sra. K tinha cuidado do pai de Dora durante uma doença que o mesmo tivera. Por conta disso, um sentimento de enorme gratidão entre o pai de Dora e a sra. K foi criado. Já o sr. K sempre tratou Dora com muito carinho e lhe dava eventualmente pequenos presentes aparentemente sem segundas intenções. Esta, por sua vez, passava muito tempo cuidando dos filhos do casal e ressaltará que cuidava deles como se fossem seus filhos. Na ocasião em que o pai de Dora havia procurado Freud a relação com o senhor e senhora K tinha sido abalada pois, após Dora ter passado um período na casa dos K, insistiu para voltar para casa com o seu pai. Ao chegar em casa, relatou para a mãe – e pediu que esta contasse ao pai – que o senhor K. tinha proposto um relacionamento amoroso entre eles. O pai e tio da paciente foram procurar o senhor K que, obviamente, desmentiu a menina e disse que ela teria “imaginado” por conta da influência que suas leituras exerciam nela. A demanda de análise do pai era que Freud tornasse a menina mais sensata já que ela teria exigido que seus pais cortassem qualquer relação com a família dos K.

Já para Dora, o que estava em jogo é que ela acreditava que o pai teria um caso com a senhora K, e que em troca ele ofereceria a própria filha ao senhor K. Dora teria

sido entregue ao senhor K como uma espécie de compensação para que as coisas não desandassem. Entretanto, é justamente no momento em que o senhor K faz sua investida que a harmonia entre as famílias se rompe. A investida do senhor K. provocou em Dora um enorme ódio e uma exigência incessante para que o pai nunca mais falasse com a os K.

Durante sua análise, a paciente relata dois sonhos¹¹. No primeiro, uma casa está pegando fogo, o pai dela está diante da cama da menina e a acorda. Ela se veste rapidamente e sua mãe ainda quer pegar uma caixa de joias, mas seu pai diz que não está disposto a morrer com a família por causa dessa caixa. A família sai da casa e Dora acorda¹². Segundo Maurano (2010, p. 88):

(...) o desejo de substituir Sr. K pelo pai forneceu a força impulsora para a formação do sonho. De certo modo, a moça decidirá fugir com o pai, mas na realidade, segundo Freud, ela estava fugindo para o pai. A angustia frente ao homem que a assediava convocou nela uma inclinação infantil pelo pai para que esse a protegesse de sua inclinação recente por um estranho. Assim, o propósito de fugir de casa, que teve relação com a casa dos K, na qual se hospedava e se encontrava em perigo, diante do assédio do Sr. K., por si só não seria o formador de um sonho. Mas transformou-se nisso ao vincular-se a um propósito fundamentado em um desejo infantil, que o pai tomasse o lugar do homem que estava lhe trazendo tentação.

Esse sonho apresenta à Freud os elementos necessários para interpretar que a menina estaria às voltas dessas relações com os outros. Um questionamento que aponta para o lugar que ocupa diante do pai, ou melhor, de um homem e de como esse pode vir a tomar lugar na sua relação com seu desejo. Independente dos fatos serem a realidade ou não, essas fantasias são o que há de mais importante enquanto material para uma análise.

No segundo sonho, Dora estava passeando por uma cidade desconhecida na qual tudo lhe parecia estranho. Ela chega à casa onde morava e vai até seu quarto, onde encontra uma carta de sua mãe. Nela, sua mãe lhe diz que seu pai estava doente e que havia morrido. Se ela quisesse, então, poderia vir ao seu encontro. Dora se encaminha até a estação e vê na sua frente um bosque espesso – no qual ela entra. E ali faz a pergunta a um homem onde era a estação, que lhe responde que ficava a duas horas e meia dali. O homem insistiu em acompanhá-la até a estação, mas Dora recusou e foi sozinha. Quando viu a estação na sua frente, não conseguiu alcançá-la. Relata que isso lhe causou angústia,

¹¹ O relato do caso Dora é publicado em 1905, nessa época Freud já tinha lançado o “Interpretação dos sonhos” e o sonho já teria todo o seu lugar de importância como uma produção do inconsciente e como uma realização de desejo.

¹² FREUD, 1905 [2016], p. 246

pois não conseguia ir adiante. Outra cena desse mesmo sonho é a menina em casa tendo extremas dificuldades em recordar o que tinha acontecido nesse meio tempo. Ela se dirige à portaria e pergunta ao porteiro por sua casa, uma criada aparece na janela e lhe responde que sua mãe e os outros já estão no cemitério¹³.

A análise de tal sonho não foi feita de maneira “completa”, já que Dora teria interrompido sua análise um pouco depois desse relato, mas ainda assim é um sonho muito rico para o desfecho do caso. Nesse trabalho, destacarei duas associações importantes para podermos pensar o funcionamento da histeria e sua relação com o feminino. A primeira parte desse sonho é associada ao acontecimento de assédio por conta do senhor K. Os dois estavam no lago e Dora não tinha certeza do que havia escutado dele, mas com o trabalho de análise ela se recorda que ele teria dito “Você sabe que eu nada tenho com a minha mulher”. A reação de Dora ao ouvir isso, como já sabemos, é dar uma bofetada na cara do senhor K. e sair correndo de volta para casa sozinha. No caminho, ela encontra um homem e pergunta quanto tempo até a casa dos K., ao que ele responde “duas horas e meia”. Diferentemente de seu sonho, Dora desiste e retorna até o senhor K., que lhe pede desculpas e para não comentar o ocorrido a ninguém.

Outra associação importante é a relação que Dora tem com a leitura e como a comunicação da morte de seu pai em seu sonho permitiria a ela “ler e amar à vontade”. Dora se recorda que no sonho ela lia tranquilamente um livro grande. Freud, nesse momento, a questiona se era uma enciclopédia e a paciente afirma que sim. Freud insiste que a menina conte o que gosta de ler na enciclopédia e ela relata que seu primo estava com apendicite e ela teria procurado na enciclopédia o que isso significa. A própria paciente teria depois sofrido de apendicite, o que faz Freud questionar se teria sido depois ou antes da cena do lago. Dora responde que teria sido nove meses depois da cena do lago. Freud atribui a isso uma fantasia de parto e lhe dá a interpretação que porá um fim ao seu tratamento.

Se, nove meses após a cena do lago, você passou por um parto e até hoje lida com as consequências desse mau passo, isso prova que no inconsciente você lamenta o desfecho da cena. Então você corrigiu em seu pensamento inconsciente. O pressuposto de sua fantasia de parto é que algo aconteceu naquela ocasião, que você vivenciou e descobriu então aquilo que depois teve de ler na enciclopédia. Você vê que o seu amor pelo sr. K. não terminou com aquela cena, que prossegue até hoje, como afirmei – mas inconscientemente para você. (FREUD, 1905 [2016], p. 297)

¹³ FREUD, 1905 [2016], p. 284

Dora não dá muita atenção ao que Freud diz e comunica que decidiu, já há duas semanas atrás, não ir mais às sessões. Freud associa isso a algum tipo de aviso prévio e Dora imediatamente lhe comunica que presenciou uma governanta da família K. dando um aviso prévio. Freud pede detalhes e ela comunica que a governanta teria ouvido do senhor K. a mesma frase que Dora ouviu (“você sabe que eu não tenho nada com a minha mulher”), mas que teria cedido e se envolvido amorosamente com ele. No entanto, o patrão logo perdeu o interesse, o que ocasionou o ódio e o pedido de demissão por parte da governanta. Freud insiste em sua interpretação, ou seja, baseado na tese de que Dora teria um interesse no senhor K. ele lança mais uma interpretação comunicando que, ao dar a bofetada no senhor K., Dora esperava que este corresse atrás dela, mas não foi o que aconteceu. Dora não contestou nenhuma das duas interpretações dadas por Freud. Ouviu atentamente, se despediu e nunca mais retornou ao seu consultório.

Desse desfecho podemos ressaltar duas consequências importantes: a primeira é o erro de Freud em relação à condução do caso. Maurano (2010) resalta que ele mesmo reconhece o erro de se colocar no lugar de responder como um mestre, ao contrário de sustentar que a histeria coloca um enigma para o outro decifrar, “mas o que ela quer com isso é que esse enigma seja relançado, jamais estancado”(ibid, p. 61). Lacan ressaltará a importância de, numa análise, sustentar o discurso e a posição do analista, jamais a do mestre. Retornarei a este ponto no capítulo três dessa dissertação.

A segunda consequência diz respeito à importância que Freud dá ao senhor K. Importância, digamos, precipitada. O curioso é que Freud teria mencionado a importância da senhora K pra sua paciente no relato do quadro clínico, mas de algum modo a relação com a senhora K. não foi levada em conta nas análises dos sonhos, ou até mesmo na aposta da escolha de objeto de desejo de Dora. Esse será, também, outro ponto que irei retornar no capítulo três, pois há de se privilegiar o lugar que uma mulher toma na vida de outra. Freud abordará o quanto isso remete, não ao complexo de Édipo como ele acreditava nesta época, mas sim ao que ele abordará mais adiante com o pré-Édipo.

Ao que parece, a histeria colocou uma pergunta diante do saber do médico e, segundo o próprio Freud (1895), as histéricas mantêm uma relação íntima entre seus sofrimentos e as reminiscências. Se trata de uma neurose diante de sua posição sexuada, ou seja, sua posição feminina¹⁴.

¹⁴ Na terceira parte desse capítulo explorarei melhor o que vem a ser essa posição sexuada feminina.

A questão que a histeria estabelece, mesmo que de modo irônico¹⁵, é a respeito da falta que está em jogo na dinâmica do sexual, e talvez até do social. Ela não se satisfaz com a sua posição de mulher e questiona a potência do falo¹⁶, contestando-o: “o discurso da histérica tem por função demonstrar que o mito edípiano e a lógica fálica desconhecem a existência da mulher como tal” (ANDRÉ 2011, p.14). Aqui está colocada a relação que a histeria estabelece com o falo, a saber, uma relação de falta. A pergunta que ela faz diz respeito a saber se é possível, com ela, fazer surgir a verdade de um sujeito que se identifica com a própria falta, ou seja, a histérica interroga o feminino:

A histérica é literalmente o lugar de uma guerra dos sexos, cujo cenário é sempre o mesmo: um gozo masculino é imposto pela força à feminilidade, que submerge, desde então, na ausência ou no estado hipnoide que Breuer descrevia. (ANDRÉ, 2011, p. 17)

2.2. Sexualidade... feminina?

Em certos momentos de seus escritos, Freud assume um tom singularmente misógino para se queixar amargamente da grande dificuldade que existe, ao menos para certos sujeitos femininos, em mobilizá-las, fazê-las sair de uma espécie de moral, como ele diz, de sopa com bolinhos, que comporta exigências muito imperiosas quanto às satisfações a usufruir, por exemplo, da própria análise.¹⁷

O ponto de entrada da psicanálise com as mulheres é justamente o que sublinhei anteriormente: a histeria como uma pergunta colocada a respeito da sexualidade feminina¹⁸. Dito isso, é de suma importância poder acompanhar a trajetória freudiana em sua elaboração acerca da sexualidade e do sexual enquanto um campo.

Parece sempre um retorno ao mesmo ponto e talvez um pouco banal falar de psicanálise e sexualidade, mas é incrível como Freud expôs um assunto que não se esgota. Althusser diz que a psicanálise, de fato, tocou em algo de verdade e de perigoso, e que esse algo é sempre preciso ser revisto.

Existe, portanto, em Freud, algo verdadeiro, de que é preciso apropriar-se, para rever seu sentido, uma vez que isso que é verdadeiro é perigoso:

¹⁵ Modo irônico pois ela não lida com a própria falta e fica apontando a falta no outro.

¹⁶ Por ora entenderei o falo como o representante de uma organização masculina ao qual as mulheres serão submetidas, mais pra frente abordarei que o falo é uma organização que qualquer ser-falante está submetido.

¹⁷ Jacques Lacan, Seminário IV – a relação de objeto (1956-1957), p. 208

¹⁸ Em 1884, em “As psiconeuroses de defesa”, explorando a relação da histeria com as outras neuroses e com algumas psicoses, Freud elabora que há uma divisão da consciência que teria um papel importante para a histeria e, logo em seguida, conclui aqui que estas são neuroses de defesa porque se defendem de sua posição diante do sexual.

é preciso revê-lo para neutralizá-lo. Cria-se, assim, um círculo, cuja dialética é implacável. (ALTHUSSER, 1985, p. 78)

Não tenho certeza sobre o que Althusser quis dizer com rever para neutralizar, mas o que chama a atenção é a parte onde a dialética é algo que deve estar presente de maneira rígida, ou seja, uma dialética enquanto método. Então, por mais que a sexualidade pareça um tema tão óbvio – e até clichê no meio psicanalítico – ainda assim não se deve recuar diante do que é crucial e verdadeiro.

A sexualidade aparece desde os textos pré-psicanalíticos de Freud, mas é com “Os três ensaios” (1905) que ela ganha seu estatuto de conceito. Em 1905, Freud, começa sua elaboração acerca da sexualidade partindo do que, na época, era visto como “aberrações sexuais” (homossexualidade, fetichismo, voyeurismo, sadismo e masoquismo) que, segundo o autor, poderiam ser divididas em dois tipos de desvios: 1) desvios em relação ao objeto, ou seja, pessoas “invertidas” que sentiam atração sexual pelo mesmo sexo; 2) desvios em relação ao alvo, ou seja, pessoas que tinham outras intenções diferentes da reprodução.

A respeito desses dois desvios, Freud afirma:

Na concepção da psicanálise, portanto, também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química. A decisão sobre o comportamento sexual definitivo ocorre somente após a puberdade e é o resultado de uma série de fatores ainda não apreendidos em seu conjunto, alguns de natureza constitucional, outros, accidental. (FREUD, 2016[1905], p. 35)

Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual mais normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados perversões. (*ibid*, p. 40)

E conclui:

A experiência diária mostra que essas extensões, em sua maioria - as menos sérias entre elas, de toda forma -, são um componente que raras vezes falta na vida sexual das pessoas sãs, e que estas as julgam como as outras intimidades. Quando as circunstâncias favorecem, também o indivíduo normal, durante um bom tempo, pode substituir por uma perversão dessas a meta sexual normal, ou conceder-lhe um lugar ao lado desta. Em nenhum indivíduo são estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado perverso, e já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar reprovativamente o nome "perversão". Justamente no âmbito da vida sexual deparamos com dificuldades especiais, insuperáveis atualmente,

ao querer traçar uma nítida fronteira entre simples variações no interior da escala fisiológica e sintomas patológicos. (*ibid*, p. 56)

Essas três passagens ilustram o ponto central da questão da sexualidade e sua importância – e até mesmo seu caráter subversivo! –, pois há um reconhecimento de que não há, na sexualidade humana, algo “natural” e “normal”, uma vez que a sexualidade é justamente o campo de conflito onde o ser falante se localiza. O sexual “é sempre uma unificação forçada e artificial” (ZUPANCIC, 2008, p.4).

Se na primeira parte desse artigo Freud consegue demonstrar o caráter perverso inerente a toda pulsão sexual, em sua segunda parte ele apresentará a outra característica da sexualidade: o infantil.

A neurose é infantil por uma razão: é neste momento precoce em que a criança começa a se deparar com os conflitos mais importantes de sua vida pulsional. Para entendê-los faz-se necessário percorrer o tema da sexualidade infantil, suas características e suas manifestações. Recusar fazê-lo é sofrer uma consequência enorme: permanecer no campo do desconhecido no que diz respeito aos “traços essenciais da pulsão sexual” (FREUD, 2016 [1905], p. 73).

O recorte essencial que devo trazer à luz nessa parte é a respeito das poucas pontuações que Freud dá sobre a diferença sexual das crianças. Segundo o autor, as crianças fazem, ao longo de sua infância, várias investigações sexuais¹⁹. Dentre elas, duas são de importante valor para esse trabalho: “o enigma da esfinge” e “o complexo de castração e a inveja do pênis”. No primeiro, Freud é certo ao afirmar que o interesse sexual não é despertado pela diferença sexual²⁰, e sim pelo enigma “de onde vem os bebês?”, comparando esse enigma ao mesmo que a esfinge faz a Édipo. Já o segundo apresenta rapidamente o que estará em jogo no complexo de castração vivido tanto pelo menino como pela menina, sendo que, nesse momento, o autor fala desse ponto sem nenhuma complexidade ou ressalva: restringe-se apenas a uma pontuação²¹.

É também nesse artigo que o autor estabelece a energia que está em jogo quando se trata da vida dos seres humanos: a libido. A libido é uma força “quantitativamente variável que pode[ria] medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da

¹⁹ Os tipos de investigações observados por Freud (1905, p. 103) são: 1) a pulsão de saber; 2) enigma da esfinge; 3) complexo de castração e inveja do pênis; 4) teorias do nascimento; 5) concepções sádicas da relação sexual; e por último, o próprio fracasso dessas investigações.

²⁰ “A existência de dois sexos é algo que a criança apreende sem maior oposição ou reflexão” (*ibid*, p. 104)

²¹ É apenas a partir da reformulação da teoria das pulsões, ou seja, com a entrada da pulsão de morte (1920) que Freud vai retornar a essa pontuação como verei mais à frente.

excitação sexual" (p. 205), ou seja, a libido é predominantemente sexual. As excitações sexuais provenientes do corpo são chamadas, em seus correspondentes psíquicos, de libido do eu (libido narcísica). Esta só é acessível – pelo menos nesse momento do percurso freudiano – quando investida nos objetos e, portanto, transformada em libido do objeto. Tudo que vai, volta: essa libido direcionada aos objetos pode retornar ao eu (narcisismo secundário). Contudo, Freud o diz com todas as palavras: o “eu” é o reservatório original de libido (narcisismo primário). Outro ponto crucial que destaca é que não se pode, como Jung o fez, tratar a libido como a força pulsional psíquica em geral. Fazendo-se isso, o ganho que a psicanálise teve é jogado fora: é necessário supor que haja uma força pulsional que se oponha à sexualidade e que, portanto, a libido esteja restrita a esta. É o que Freud consegue quando postula a pulsão de morte. A libido, aqui, também é masculina, no sentido de que é uma força ativa.

Ainda nessa segunda parte do texto o autor faz menção, muito rápida, ao complexo de castração e à inveja do pênis.

A suposição de que há o mesmo genital (masculino) em todas as pessoas é a primeira das teorias sexuais infantis singulares e prenes de consequências. Pouco adianta, para a criança, que a ciência biológica tenha de dar razão ao seu pré-conceito, reconhecendo o clitóris feminino como um genuíno substituto do pênis. A menina não se utiliza de tais rejeições quando enxerga o genital diferente do menino. Ela se dispõe imediatamente a reconhecê-lo e é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto. (FREUD, 1905, p. 104)

Assim como para as crianças a diferença sexual não estava colocada, também não estava para Freud. Ou melhor, na terceira parte desse artigo, o autor elabora, mais uma vez muito rapidamente, o que ele, naquela época, entende com a “diferenciação de homens e mulheres” (FREUD, 1905, p.138). É na puberdade que se estabelece a separação entre os caracteres masculinos e femininos, ainda que seja possível extrair essa predisposição na infância. O que se pode ressaltar dessa parte, no que diz respeito às meninas, é que suas inibições sexuais (vergonha, nojo, compaixão) ocorrem muito mais cedo do que no menino.

A tendência à repressão sexual parece maior; ali onde aparecem instintos parciais da sexualidade, elas dão preferência à forma passiva. Mas a atividade auto erótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos, e essa concordância anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos como a que se estabelece após a puberdade. (FREUD, 1905, p. 138)

Freud aos poucos vai aproximando o conceito de passividade do feminino e de atividade do masculino. Ele chega a afirmar que a libido é “de natureza masculina, apareça ela no homem e na mulher, e independentemente de o seu objeto ser homem ou mulher.” (p.139). Em 1915 Freud adiciona uma nota de rodapé para desenvolver melhor essa parte e esclarece:

Emprega-se “masculino” e “feminino” ora no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, e também no sociológico. O primeiro desses significados é o essencial, e mais proveitoso na psicanálise. Em conformidade com ele foi que designamos a libido, no texto acima, como masculina, pois o instinto é sempre ativo, mesmo quando coloca para si uma meta passiva. (...) Tal observação mostra que, no caso do ser humano, nem o sentido psicológico nem o biológico se acha uma pura masculinidade ou feminilidade. Cada pessoa apresenta, isto sim, uma mescla de característica biológica do seu sexo como traços biológicos de outro sexo, e uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquicos dependam dos biológicos como em que sejam independentes. (FREUD, 1905, nota de rodapé adicionada em 1915, p. 139)

Essas são as pontuações que o autor faz para diferenciar homens e mulheres e, com a virada de sua teoria, em 1920, começam a aparecer os retornos de Freud a esses pequenos pontos que ele parece ter deixado propositalmente em aberto.

Como dito anteriormente, Freud retorna a pequenas pontuações deixadas em aberto – como, por exemplo, a origem do interesse sexual – depois da fundamentação da segunda tópica²², mais especificamente a partir de 1923. Isso se dá porque a segunda tópica favorece a reelaboração de diversos pontos da teoria psicanalítica, como esclarece Poli (2012):

1. O problema econômico do masoquismo e a pulsão de morte colocam dificuldade para Freud conciliar sua nova teoria das pulsões (sobretudo o masoquismo erógeno primário) e o narcisismo primário (e a relação com as identificações). (...) **2.** Na segunda teoria da angústia, Freud propõe que é “a angústia que promove o recalque”. Isto é, além (ou aquém) das identificações edípicas, a angústia é efeito do encontro com a castração materna. O pré-edípico será abordado, então, a partir de 1920, não tanto através da primazia do falo, mas da relação com a mãe como primeiro objeto de meninos e meninas. (...) **3.** Por fim, um último ponto em prol desse argumento diz respeito à abordagem das fantasias originárias. Freud indica, via de regra, três dessas fantasias: cena primária, fantasia de sedução e fantasia de castração. Essas fantasias nos são transmitidas, segundo ele, pela filogênese podendo ser ou não confirmadas pela experiência. O que interessa destacar é uma oscilação

²² A segunda tópica se estabelece em 1920 com o texto “Além do Princípio do Prazer” e sua elaboração de pulsão de morte. Se na primeira tópica o dualismo pulsional era entre a pulsão de conservação e a pulsão sexual, na segunda será entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Estas não são as únicas mudanças que ocorrem na segunda tópica como verei ao longo dessa parte do trabalho.

na posição de Freud que o leva a deslocar o acento da cena primária para a fantasia da castração em sua função de acender no sujeito a chama da curiosidade sexual. (POLI, 2012, p. 127)

O estudo do campo do feminino, então, toma mais uma vez uma importância a mais para a psicanálise, pois possibilitou a Freud retomar diversos pontos de sua teoria e acrescentar detalhes, ou até mesmo novas formulações de conceitos como Édipo, pré-Édipo, teoria da sexualidade infantil, relação entre meninos e meninas, o interesse pelo sexual e assim por diante.

Se em 1905 temos um Freud que acredita que o interesse das crianças pela vida sexual surge a partir da gravidez, ou do questionamento acerca da origem da vida, o Freud de 1925 diz que, ao menos no caso das meninas (e expande para os meninos), isso não é verdadeiro.

Eis a oportunidade de corrigir uma afirmação que fiz anos atrás. Achei que o interesse sexual das crianças, como o dos púberes, não seria despertado pela diferença entre os sexos, mas pelo problema da origem das crianças. Ao menos para a menina isso certamente não é válido. No caso do menino, algumas vezes poderá ser assim, outras vezes, de outro modo; ou eventos fortuitos decidirão quanto a isso no caso dos dois sexos. (FREUD, 1925, p. 291)

Para a psicanálise, a constituição dos sujeitos enquanto sujeitos sexuados se dá a partir de uma experiência que cada sujeito vive na sua infância no seio da sua vida familiar, ou seja, com seus pais. A essa experiência é dado o nome de Complexo de Édipo²³. Freud se utiliza desse complexo para pensar justamente a formação do sujeito com a sexualidade, com a alteridade e com sua própria neurose. Formulações a seu respeito já aparecerem diversas vezes em outros textos do pai da psicanálise, mas é somente nos anos 1920 que ele vai tomando proporções mais estruturais e com mais “nitidez”.

Em 1923, com o texto “A organização genital infantil”, o autor afirma que “a aproximação da vida sexual infantil àquela dos adultos vai muito adiante, e não se limita ao surgimento da escolha de objeto” (p.170), ou seja, a organização genital toma aqui uma importância para além da escolha de com quem a pessoa se relacionará ou não (como aquela vista em 1905). A importância aqui é que na infância há a organização do próprio sexual, e essa organização se dará a partir de uma “primazia do falo” (e não uma primazia dos genitais como era pensada anteriormente).

²³ Inspirado pela tragédia grega Édipo Rei de Sófocles.

2.3. Édipo como consequência anatômica?

Segundo Freud, a anatomia gera consequências psíquicas, ou seja, o Complexo de Édipo não será da mesma forma para quem é o possuidor de um pênis e para quem não o tem. “O pequeno menino” freudiano inicialmente terá um investimento libidinal por sua mãe e, simultaneamente, ocorrerá uma primeiríssima identificação com seu pai, ou seja, o menino tomará sua mãe como objeto de amor e seu pai como seu ideal (FREUD, 1921, p. 98). Tais sentimentos, adverte Freud, já são ambivalentes, mas ainda não se apresentam como um conflito para a criança.

Aos poucos, o menino vai tendo notícias de que seu ideal e sua escolha de objeto não podem coexistir, o que acontece à medida em que ele vai se dando conta da existência de seres diferentes dele, e essa diferença é percebida a partir de seu órgão sexual: nem todos são possuidores do pênis.

Inicialmente, ao perceber essa diferença, o menino a nega:

Sem dúvida o garoto pequeno se dá conta de que homens e mulheres são diferentes, mas inicialmente ele não tem motivos para relacionar isso com uma diferença entre os órgãos genitais de ambos. Para ele é natural supor que todos os seres vivos, tanto pessoas como animais, possuem um órgão semelhante ao seu. (FREUD, 1923, p. 171)

O que acontece é uma série de experimentos a serviço do sexual, e no decorrer dessas pesquisas a criança do sexo masculino vai se deparando cada vez mais com essas diferenças, o que desperta a fantasia segundo a qual “no mínimo ele estava presente e depois foi retirado” (*ibid*, p.173). A ausência do pênis aqui começa a tomar um lugar importante para o desenvolvimento do menino: ela toma o lugar de castração e ele terá “a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio” (p.173).

Para o menino, esse lidar com sua própria castração será o grande motivador para a dissolução do Complexo de Édipo, porque o que estará em jogo para Freud é que, para o menino, só há duas opções: ou ele escolhe amar a mãe e perder seu pênis, ou abrir mão de sua mãe e poder amar outras mulheres (continuar com seu pênis).

O complexo de Édipo ofereceu ao menino possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Ele pôde, masculinamente, colocar-se no lugar do pai e tal como este relaciona-se com a mãe, caso em que o pai logo foi visto como empecilho, ou quis substituir a mãe e se fazer amar pelo pai, caso em que a mãe se tornou supérflua. O menino pode ter tido somente ideias vagas do que constitui a relação sexual satisfatória; mas sem dúvida o pênis tinha participação nela, pois as sensações do seu próprio órgão atestavam isso. Ainda não havia porque duvidar da existência do pênis na mulher. Admitir a possibilidade de castração,

perceber que a mulher é castrada punha fim às duas possibilidades de obter satisfação do complexo de Édipo. Pois ambas acarretavam a perda do pênis, uma, masculina, como castigo, a outra, feminina, como pressuposto. Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo. (FREUD, 1924, p.209)

Por mais que, aqui, Freud ainda estivesse às voltas com a dissolução do complexo de Édipo no menino, já posso ressaltar a posição que aos poucos ele vai apresentando da própria mulher, uma mulher que é, na visão dos outros, castrada.

Nesse mesmo texto (“A dissolução do Complexo de Édipo” – 1924) pode-se observar as primeiras indicações de uma preocupação da teoria freudiana com o caso da menina. Não há dúvidas de que esta passa pelo Complexo de Édipo, e não seria necessária outra nomenclatura, já que se trata do “mesmo” complexo. Entretanto, Freud adverte que o material elaborado sobre a menina é “insatisfatória, plena de lacunas e pontos obscuros” (*ibid*, p. 213).

Por mais que se possa afirmar que no caso da menina ocorre também o Complexo de Édipo e que seu desenvolvimento se dá, também, a partir de uma primazia fálica e um complexo de castração, ainda assim não se pode afirmar que é igual ao do menino.

A primeira diferença é que o complexo de castração pra menina é o motivador de entrada no Complexo de Édipo, e não de saída, como foi visto nos meninos. Assim surge a primeira de muitas problemáticas freudianas: como a mulher sai do Complexo de Édipo sem seu principal motivador?

A segunda diferença é que, a partir dessa falta, a saber, da falta do pênis, a menina se depararia então com uma “inveja do pênis” (*penisneid*).

A menina não entende sua falta de pênis como característica sexual, explica-a pela hipótese de que já possuiu um membro do mesmo tamanho e depois o perdeu com a castração. (...) Disso resulta a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade de consumação. (FREUD, 1924, p. 213)

A menina freudiana é uma mulher conformada com sua castração? A solução que Freud propõe, nesse momento, é de que há para a menina uma “equação simbólica” do pênis ao bebê, ou seja, o Complexo de Édipo levaria ela a se tornar uma mulher que desejaria o filho enquanto o falo. Mas Freud reconhece que essa sua compreensão sobre o desenvolvimento sexual nas meninas é incompleta e que se deve elaborar cada vez mais.

Em 1925, Freud escreve um texto onde ele aponta que há consequências psíquicas da diferença anatômica. Nele, diz que a pequena garota traz um problema a mais em relação ao garoto, pois ela deveria mudar seu objeto de amor (da mãe para o pai) e também mudar sua zona de prazer genital (do clitóris à vagina). O interessante é reparar que, quanto mais Freud vai se aproximando da feminilidade, mais ele parece recorrer à biologia como um apoio para suas teorizações. Por que será?

2.4. Os destinos da feminilidade: uma aposta?

De fato, Freud fala do pênis, da “inferioridade” do clitóris, das consequências psíquicas da anatomia. Os lacanianos, por outro lado, argumentam que o texto de Freud é ininteligível se tomarmos suas palavras literalmente, e que podemos inferir que a intenção freudiana era propor uma teoria totalmente não anatômica. (...) No entanto, não acho que Freud tenha sido tão consistente quanto eu, ou Lacan, gostaríamos que tivesse sido, e alguns gestos devem ser feitos em relação ao que ele disse, ainda que brinquemos com aquilo que ele provavelmente quis dizer. (Gayle Rubin, 1975, p.42)

Existem dois textos que Freud dedica exclusivamente à sua teoria da feminilidade. Ambos são muito importantes para entender o estatuto que o pai da psicanálise dá à mulher. Um dos textos, datado de 1931, se chama “Sobre a sexualidade feminina” e o outro, “A feminilidade”, de 1933, faz parte das novas conferências introdutórias. Vou agora extrair os principais pontos que a letra freudiana traz.

Freud (1931) aponta que, para entender melhor a constituição de uma sexualidade dita feminina, deve-se entender o que se passa com a menina um pouco antes de entrar no Complexo de Édipo. Nesse período, o autor observou uma forte ligação entre a menina e sua mãe, assim como uma rivalidade com o pai. Apesar de ser parecido com o menino, nesse momento é necessário ressaltar que não se trata do mesmo tipo de rivalidade:

De fato, durante essa fase o pai é pouco mais que um incômodo rival para a menina, embora a hostilidade para com ele jamais alcance a altura típica dos meninos. Há muito tempo renunciamos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino. (FREUD, 1931, p.373)

É importante notar aqui um Freud que aceita a diferença entre o desenvolvimento da menina e do menino, sem tentar traçar um paralelo entre um e outro. A primeira diferença que o autor aponta no Édipo da menina será sua mudança de objeto. O objeto

primordial de amor da pequena menina será a mãe, mas indaga Freud: “como acha ela o caminho até o pai?” (*ibid*, p.372).

É interessante, aqui, retornar ao texto já mencionado da autora Gayle Rubin (1975). Segundo a autora, esse tipo de interpretação por parte de Freud “colocava em questão a ideia de uma heterossexualidade e de uma identidade de gênero primordiais. Como a atividade libidinal da menina se dirigia à mãe, sua heterossexualidade na vida adulta deveria ser explicada” (p. 38).

Entretanto, o argumento freudiano para essa pergunta aparece por conta de uma observação clínica anterior que observa a forte ligação das mulheres com a figura paterna, fazendo então o autor questionar como acontece essa mudança de ligação da mãe ao pai.

A primeira constatação que o pré-Édipo fornece é que essa ligação forte da menina com o pai é apenas uma espécie de deslocamento da relação que a menina tem com a mãe, ou seja, “é herdeira de uma ligação à mãe igualmente forte e que essa fase anterior teve uma duração inesperadamente longa” (FREUD, 1931, p.375).

A resposta para a pergunta de Freud se encontra em um processo que também ocorre no menino: a menina começa suas investigações a serviço do sexual, descobre a existência do pênis e vê que não o possui. Num primeiro momento, a menina, assim como o menino, nega que há uma diferença e que provavelmente seu clitóris se transformará em algum momento em um pênis. Entretanto, conforme o tempo vai passando, a menina se dá conta que existem outros seres que também não possuem o pênis, então ocorre a castração de sua própria mãe. Diante dessa descoberta, a menina experimenta um sentimento único e individual de depreciação em relação ao menino e responsabiliza sua mãe por tê-la feito daquela forma.

Seja como for, no final dessa primeira fase de ligação à mãe aparece, como o mais forte motivo para o afastamento da mãe, a recriminação de que ela não deu à menina um genital verdadeiro, isto é, de que a mãe deu à luz como mulher. (FREUD, 1931, p. 384)

É importante ressaltar que, para Freud – como dito anteriormente – a mudança de escolha de objeto não é a única mudança que a menina deverá realizar ao longo de seu percurso no Édipo. Ela deverá também mudar sua zona erógena do clitóris (representante do pênis) para a vagina (verdadeiro órgão feminino). Para mim, essa é uma das partes mais obscuras das constatações freudianas. Ao que parece, para a mulher não é possível a existência de duas zonas erógenas: ela deverá abrir mão de uma para ter prazer na outra. Soa estranho, pois esse seria o mesmo Freud que defendeu, ao longo de todo o seu

trabalho, a existência de diversas zonas de prazer no corpo humano. Opto, então, por fazer a leitura dessa parte por dois vieses: o crítico e o metafórico.

Do ponto de vista crítico, acredito ser um ponto limite para o próprio Freud, ou seja: diante de sua busca incansável pela resposta da sexualidade feminina, ele foi levado a concluir muito rapidamente o que de fato ocorreria com as zonas erógenas femininas, sustentando assim um caminho para uma “verdadeira feminilidade”.

Em compensação, uma leitura metafórica parece ser interessante nesse caso, se pensamos que há um esforço freudiano de mudança de lugar, ou seja, um esforço para dar um lugar diferente que não seja o referido ao pênis para as mulheres. Por último, e não menos importante, Freud estabelece que o Édipo na mulher é

o resultado final de um longo desenvolvimento; não é destruído, mas sim criado por influência da castração, escapa às fortes influências hostis que no homem atuam de forma destruidora sobre ele e, de fato, com muita frequência não é superado pela mulher. Por isso também são menores e menos relevantes as consequências culturais de sua desintegração. Provavelmente não será errado dizer que essa diferença na relação entre o complexo de Édipo e o da castração marca indelevelmente o caráter da mulher com ser social. (FREUD, 1931, p.379)²⁴

A partir daí elabora, segundo ele, os três destinos da sexualidade feminina: 1ª) a inibição sexual ou a neurose (histeria); 2ª) um complexo de masculinidade; 3ª) a feminilidade normal, ou seja, uma mulher se tornar mãe.

Na primeira saída, o que estaria em jogo seria uma espécie de mágoa em seu amor próprio pela comparação ao menino, que parece ser “mais bem aparelhado” (Freud, 1933, p.282), levando-a a renunciar à satisfação e reprimir boa parte de suas pulsões sexuais.

Na segunda saída, há uma escolha da mulher por manter seu apego ao clitóris, e a isso, somado uma série de características, Freud nomeia de complexo de masculinidade. Aqui estaria localizado o núcleo da homossexualidade feminina, pois a menina estaria identificada com quem possui o falo, ou seja, à mãe fálica ou ao pai.

A terceira e última saída consiste na importância que Freud dá à maternidade para uma mulher. Segundo o autor, aí repousaria a verdadeira feminilidade, pois “a mãe pode transferir para o filho a ambição que teve de suprimir em si, pode esperar dele a satisfação de tudo que lhe ficou do seu complexo de masculinidade. Mesmo o casamento não está

²⁴ Adiciona a essa parte uma nota de rodapé comentando que as analistas com opiniões feministas não estariam de acordo com ele. Segundo ele, as objeções delas seriam que esse tipo de teoria ajudaria a sustentar um caráter inato para o homem continuar a rebaixar e oprimir as mulheres. Compara essa atitude com a “faca de dois gumes” Dostoiévski, ou seja, que essa atitude é um impasse para a própria compreensão feminina sobre os empecilhos da tão ansiada igualdade com o homem.

assegurado até que a mulher tenha conseguido fazer de seu marido também seu filho” (Freud, 1933, p. 292).

Zafirooulos (2009), por sua vez, localiza que a mulher freudiana é entendida do ponto de vista da mãe.

Após 1908, tudo indica que, para Freud, o ideal feminino nada mais é do que ser mãe, e esta sua posição mantém-se estável ao longo de sua obra e sobretudo quando ele apresenta, enfim, em 1932 este ideal como sendo o ideal das próprias mulheres. Uma vez mais, ele o reivindicará naquilo que considera como a solução ideal do Édipo feminino. (...) Assim, é importante lembrar que, para Freud, o Édipo das meninas terminaria em excelência pelo desejo do pênis e a identificação ideal à mãe, via posse de uma criança-boneca. (ZAFIROPOULOS, 2009, p.19)

Quando Freud pensa a solução do Édipo feminino, o que está em jogo ao seu final é que a menina desejará ter um pênis e se identificará de uma forma ideal com a mãe na forma do desejo de ter um bebê/boneca. Em relação a essa identificação, Zafirooulos (2009) sublinha que é um ponto em que Freud não consegue convencer muito, pois o que está em jogo no par mãe-menina é toda uma relação de hostilidade que se faz necessária para que a menina mude seu objeto de amor para o pai. Ao se afastar da mãe, ela mantém com esta uma relação de hostilidade que pode tornar-se muito presente e durar a vida toda.

Vemos, por conseguinte, que a teoria freudiana do feminino nos deixa no mínimo perplexos e que, a partir daí, se compreende por que Freud teve, efetivamente, muita dificuldade de localizar em Dora, a jovem que, precisamente, não deseja o pênis do Sr. K, uma jovem que não deseja do ponto de vista da mãe, mas uma mulher que deseja do ponto de vista do pai, que se identifica ao desejo do pai e se deixa levar, por conseguinte, pelo objeto de seu desejo, a Senhora K, ou ainda e outra solução, uma mulher que se identifica não à mãe, mas àquela que permanecerá eternamente a mulher inconsciente do pai morto, a saber, a virgem. (ZAFIROPOULOS, 2009, p. 20)

Os destinos da feminilidade em Freud podem necessariamente se confundir com os destinos das mulheres? Ao afirmar um complexo de Édipo feminino o autor estaria localizando na carne uma diferença estrutural entre homens e mulheres? Acredito, como ressalta Zafirooulos (2009), que Freud é “pouco convincente” e que “se ele é pouco convincente, é porque ele mesmo não está convencido do que escreve” (p.21). Freud fez um esforço ao longo de sua elaboração para não cair nas armadilhas que a própria dificuldade do tema oferecia, mas ele não deu a cartada final sobre o que pensava da feminilidade. Em todo e qualquer texto que toque no tema, o autor não se poupa em dizer o quanto esse conteúdo parece incompleto, obscuro, fragmentário, nem sempre amigável

e diz que, se quisermos saber mais sobre a feminilidade, devemos “interrogar nossas próprias vivências” ou se pode recorrer “aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar mais informação” (Freud, 1933, p. 293). A pergunta que Freud insiste em sustentar é o que há de mais importante a se extrair de toda a obra do pai da psicanálise em relação à feminilidade, que por anos dedicou sua vida a uma clínica inovadora, mas que jamais pôde – para nossa sorte? – responder “o que quer uma mulher?”.

Sei que as colocações freudianas não podem ser lidas ao pé da letra, e que é importante sustentar a ambiguidade e o conflito em que se encontram seus escritos: um conflito em tentar teorizar a feminilidade enquanto diferente de uma masculinidade. Freud não acreditava que um sujeito seria apenas feminino ou masculino, ele sustentou ao longo de toda a sua obra – e pontuou isso diversas vezes – a bissexualidade existente no psiquismo. Mas ao mesmo ponto definiu três saídas para a feminilidade e baseou sua sexualidade como sendo constituída a partir de uma falta e uma frustração em relação ao homem. À leitura freudiana se faz necessário uma outra orientação para que possamos interpretar seu texto numa posição clínica e avançarmos na teoria. Para isso, seguirei o trabalho até a orientação lacaniana da leitura freudiana, mas antes é importante para esta pesquisa entender as bases problemáticas da teoria freudiana. Para isso dediquei todo o segundo capítulo a uma crítica que Freud sofre, e a uma base epistemológica importante para teoria freudiana. O que as duas têm em comum? A localização de lugar que a mulher ocupa e como ocupa.

Uma das autoras que com preciosidade – e também comprometimento – retoma a teoria freudiana é a feminista e filósofa Simone de Beauvoir. Sua crítica parte do lugar que a teoria freudiana dá a mulher, em como ela elabora sua sexualidade e como define os destinos do ser feminino. Beauvoir crítica, principalmente, a ideia de a sexualidade da mulher estar submetida à sexualidade do homem, ou que a ideia de Freud sobre o psiquismo se dá apenas por uma consequência anatômica. Beauvoir traz à tona a importância que a psicanálise pode fazer de uma leitura histórica.

Outro autor de tamanha importância para o seguimento desse trabalho é Lévi-Strauss, antropólogo francês que tem grande importância na epistemologia lacaniana. Lacan retira de Lévi-Strauss as bases para o que virará sua teoria do simbólico. Mas antes de avançarmos direto a Lacan, é interessante recolhermos os efeitos do que o próprio Lévi-Strauss elaborou acerca de uma teoria sobre a estrutura simbólica que rege nossa cultura. Na base da estrutura simbólica cultural Lévi-Strauss encontrou um sistema de

troca de mulheres, o qual Gayle Rubin subverte e adiciona seu caráter fundamentalmente político.

3. CAPÍTULO 2 - 1949: SIMONE DE BEAUVOIR E LEVI-STRAUSS

“As estruturas elementares do parentesco” de Lévi-Strauss, e o “Segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, foram publicados no ano de 1949. Apesar de serem autores que partem de campos diferentes – Beauvoir da filosofia feminista e Lévi-Strauss da antropologia – podemos dizer que eles configuram um campo de estudo sócio-histórico que me interessa nesse trabalho. Analisarei partes dos dois textos e o que os autores contribuem para essa pesquisa, assim como a influência, direta ou indireta, que tiveram para o retorno à Freud que Lacan iniciará nesse mesmo ano.

Simone de Beauvoir escreve um livro que tem claramente a intenção de analisar o lugar da mulher na sociedade. Ela trabalha diversas faces e analisa múltiplos pontos de vistas. Dentre eles, o que nos interessará aqui é a sua leitura da psicanálise. Freud, para Beauvoir, é um dos homens que ela mais admira calorosamente (Kristeva, 2019), mas ainda assim a autora critica-o diversas vezes em seu livro. Tais críticas serão de suma importância para esse trabalho, pois é a partir delas que retornarei mais adiante à teoria psicanalítica, a partir de Lacan, para demonstrar o lugar que a teoria lacaniana dá à mulher.

Se no “Segundo Sexo” podemos ver a autora desenvolver intencionalmente a questão das mulheres, não podemos afirmar que acontece o mesmo com o trabalho de Lévi-Strauss. Segundo Gestin e Mathieu (2014), não pode-se afirmar que a subserviência das mulheres era o tema central do livro de Lévi-Strauss. O que se sabe é que o autor estaria interessado somente em destacar as regras fundamentais da troca matrimonial, ou seja, seu projeto consistiria em achar as estruturas fundamentais e inconscientes do funcionamento da mente humana de forma universal. Entretanto, o fato de as mulheres ocuparem um lugar de objeto de troca entre dois grupos de homens fez com que sua obra fosse reapropriada pela literatura feminista.

O que me chama mais atenção quando penso na importância desse escrito é que Lévi-Strauss também, coincidentemente ou não, tem um lugar de destaque para quem se dedica a pesquisar e estudar psicanálise. O antropólogo francês influenciou todo o pensamento de um determinado período de Jacques Lacan (Zafiropoulos, 2018). Explorarei o que vem a ser essa troca das mulheres dentro da estrutura de parentesco e as

consequências de um pensamento simbólico que “devia exigir que as mulheres, como as palavras, fossem coisas que se trocam” (Lévi-Strauss, 1952, p. 541).

3.1. Simone de Beauvoir e a recusa a mulher castrada

A psicanálise só conseguiria encontrar sua verdade no contexto histórico. – Simone de Beauvoir em *O segundo Sexo*.

Trago o texto de Beauvoir para o presente trabalho porque a escritora e teórica francesa conseguiu realizar uma leitura sobre a concepção freudiana de feminilidade, uma leitura crítica cujo principal foco foi demonstrar o ponto de vista da psicanálise em relação às mulheres e o quanto seu momento histórico deveria ser levado em conta. Segundo Beauvoir (1949), Freud deu uma importância que ninguém jamais tinha dado à questão da sexualidade, principalmente no que diz respeito ao “erotismo masculino” localizado definitivamente no pênis²⁵. Entretanto, em relação à mulher esse erotismo estaria em dois lugares diferentes: o clitoridiano (presente no estágio infantil) e o vaginal (que se dará, ou não, a partir da passagem para puberdade²⁶). Ou seja, enquanto para o homem há apenas uma etapa genital, para as mulheres, em contrapartida, haverá duas. Dito isso, a mulher “se arrisca bem mais do que ele [o homem] a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses” (*ibid.*, p. 69).

Beauvoir segue o caminho minucioso de ir situando as diferenças constitutivas das meninas e dos meninos, mas de uma maneira bastante rente aos escritos freudianos²⁷, acompanhando cada fase do desenvolvimento da sexualidade infantil.

Analisando o complexo de Édipo masculino, ela destaca o processo no qual o menino identifica-se com o pai e, simultaneamente, investe libidinosamente na mãe, processo que já abordamos sob o nome Complexo de Édipo e que terá como causa de sua dissolução o complexo de castração.

²⁵ É notável que, no texto de Beauvoir, o conceito de falo e pênis se confundem assim como nos textos freudianos. Seu texto é de 1949 e ela ainda não contava com a concepção lacaniana de falo enquanto significante.

²⁶ Aqui podemos ressaltar que Freud não assume que há sempre essa passagem para o vaginal, já na leitura de Beauvoir assume-se que existe essa passagem na puberdade.

²⁷ Suas leituras partem de um lugar fora da psicanálise e muitas vezes há algumas confusões no que diz respeito à conceitualização de alguns conceitos. Contudo, ainda que haja essas confusões é interessante pensar que Beauvoir realiza um trabalho importante de encontrar nos textos freudianos seu caráter mais revolucionário (a sexualidade) e também seu caráter mais conservador (a feminilidade).

Já em relação à menina a autora enfatiza – como também o fizemos acima – que o próprio Freud teria afirmado o quanto suas elaborações eram fragmentárias e obscuras. Mas ainda assim é possível, para Beauvoir, ressaltar que em termos de identificação e escolha de objeto o menino jamais toma o pai como seu objeto de amor, mantendo-se em uma escolha primordial pela mãe²⁸. Já a menina teria inicialmente uma escolha objetual pela mãe para só depois mudar seu olhar para o pai. Esse movimento, como já elaboramos, representa a segunda mudança realizada pela menina: a mudança de escolha de objeto. Segundo Beauvoir,

há entre os dois importantes diferença: a menina possui, inicialmente, uma fixação materna, enquanto o menino nunca é atraído sexualmente pelo pai. Essa fixação é uma sobrevivência da fase oral; a menina identifica-se, então, com o pai, mas por volta dos cinco anos descobre a diferença anatômica dos sexos e reage à ausência do pênis por um complexo de castração. Imagina ela ter sido mutilada e sofre por isso. Deve, assim, renunciar às suas pretensões viris, identifica-se com a mãe e procura seduzir o pai. (BEAUVOIR, 1949, p.70)

Chega-se à diferença crucial do complexo de Édipo feminino para masculino: para a menina o complexo de castração não funciona como um motivador para sua saída do complexo de Édipo. A castração é o que orienta a menina em direção ao Édipo. Beauvoir fala que o complexo de castração e o complexo de Electra²⁹ estariam se fortalecendo mutuamente.

O que acontece é que para a menina voltar seu olhar ao pai, ela deverá ter para com a mãe, não mais uma relação de amor (objetual), e sim, como também acontece com o menino em relação ao pai, uma relação ambivalente (uma identificação) cujo o sentimento de rivalidade e hostilidade se apresentam em total conflito. Assim a sexualidade da menina, que Beauvoir insiste em sublinhar ser uma sexualidade genital, se torna mais complexa do que a do menino.

ela pode ser tentada a reagir ao complexo de castração recusando sua feminilidade, obstinando-se em cobiçar um pênis e em identificar-se ao pai; essa atitude conduzi-la-á a permanecer no estágio clitoridiano, a tornar-se frígida ou a voltar-se para a homossexualidade. (*ibid.*, p.70)

Beauvoir vai construindo em seu texto sua primeira grande crítica ao pai da psicanálise, que será a de ter construindo uma teoria da sexualidade feminina calcada

²⁸ Freud menciona que a relação com o pai é sempre ambivalente e que a identificação será sempre o primeiríssimo laço de amor ao objeto.

²⁹ Freud chegou a comentar sobre a utilização do nome complexo de Electra, mas sempre que a mencionava era para descartar tal nomenclatura. O pai da psicanálise sempre optou por chamar de complexo de Édipo para ambos os sexos. Beauvoir não segue essa direção e sempre que se refere o complexo de Édipo feminino chama-o de complexo de Electra.

sobre um modelo masculino, ou seja: a mulher se sente um homenzinho mutilado e se constituirá a partir disso.

A questão central será entender os motivos pelo qual a menina precisa fazer essa passagem ao pai, ou porque isso se torna de uma forma o caminho que Freud toma para descrever a saída para a feminilidade. Algumas leituras feministas, como por exemplo a de Gayle Rubin (que trabalharei mais adiante), apontam que isso seria uma teorização conduzida por uma heteronormatividade. Beauvoir afirma que a essa soberania do pai podemos atribuir um valor de ordem social e Freud notou que isso poderia ser uma questão, porém fracassa ao expor ela segundo a escritora francesa:

ele próprio confessa que é impossível saber que autoridade decidiu, em um momento da história, que o pai superaria a mãe; essa decisão representa, a seu ver, um progresso, mas cujas causas são ignoradas. "Não pode tratar-se aqui da autoridade paterna, porquanto essa autoridade só foi conferida ao pai pelo progresso", escreve em seu último livro (Moisés, seu povo e a religião monoteísta). (*ibid.*, p.71)

Há um limite que a autora ressalta ao calcar todo o desenvolvimento humano da vida em um sistema de sexualidade, interpretando assim que Freud falha ao analisar que as condutas de personalidade do ser humano são provocadas pelo desejo³⁰. O que para Beauvoir fica em aberto é a relação que Freud estabelece entre desejo, a figura do pai e a sexualidade – e o quanto isso é constitutivo para o sujeito. Há aí um impasse para a autora que não enxerga “a inveja do pênis” como uma etapa que é necessária para a mulher se constituir.

No que concerne à mulher, seu complexo de inferioridade assume a forma de uma recusa envergonhada da feminilidade. Não é a ausência do pênis que provoca o complexo e sim o conjunto da situação; a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo a confirma na ideia da superioridade masculina. (...) Ela reage por meio de um "protesto viril": ou procura masculinizar-se, ou luta contra o homem com armas femininas. É pela maternidade que ela pode encontrar na criança um equivalente do pênis. Mas isso supõe que começa a aceitar-se integralmente como mulher e, portanto, que aceita sua inferioridade. Ela é dividida contra si mesma muito mais profundamente do que o homem. (BEAUVOIR, 1949, p.72)

³⁰ A leitura que Simone de Beauvoir faz é de desejo como equivalente à busca pelo prazer. Sabe-se que desejo não é trabalhado por Freud enquanto um conceito, mas Lacan irá trabalhar ao logo de sua teoria toda uma relação que o falasser estabelece com o desejo, e que certamente tal conceito não se restringe à busca pelo prazer.

Beauvoir caracteriza a irreduzibilidade dos psicanalistas pós freudianos (principalmente aos da psicologia do ego) de determinista, ou seja, para eles o destino da mulher seria reduzido às “suas tendências virilóides” e “femininas”. As tendências viris estariam ligadas a seu sistema clitoridiano e as femininas ao “erotismo vaginal”. A mulher se sente identificada inicialmente a esse pai, depois se decepciona e se sente inferiorizada em relação a ela. Para manter sua autonomia, a mulher deve se virilizar ou pode ser feliz e realizada ao se submeter a uma relação amorosa, um casamento e a vida materna. Beauvoir sublinha o quanto nessas saídas até a autonomia da mulher se restringe ao homem, pois ou ela se parece com ele ou se submete ao seu domínio numa relação conjugal, encontrando assim o substituto de seu pai e sendo retribuída posteriormente com a maternidade. É aí que a autora localiza uma espécie de recuperação da autonomia, pois a mulher era “independente”, e única responsável, pela criação dos filhos.

Apesar de adentrar outro caminho, fica visível que há um incomodo de Beauvoir em relação à universalidade do Complexo de Édipo.

a ideia de um simples agrupamento de elementos é inaceitável; a vida psíquica não é um mosaico; toda ela existe em cada um de seus momentos e cumpre respeitar essa unidade. Isso só é possível reencontrando, através dos fatos díspares, a intencionalidade original da existência. Em não remontando essa fonte, o homem se apresenta como um campo de batalha entre impulsos e proibições igualmente destruídos de sentido e contingentes. Há, em todos os psicanalistas, uma recusa sistemática da ideia de escolha e da noção de valor que lhe é correlativa; é o que constitui a fraqueza do sistema. (ibid, p.74)

Continua:

Seguramente a sexualidade desempenha na vida humana um papel considerável: pode-se dizer que ela a penetra por inteira. A fisiologia já nos mostrou que a vida dos testículos e a dos ovários confundem-se com a do soma. O existente é um corpo sexuado; nas suas relações com os outros existentes, que são também corpos sexuados, a sexualidade está, portanto, sempre empenhada; mas, se corpo e sexualidade são expressões concretas da existência, é também a partir desta que se pode descobrir lhes as significações: sem essa perspectiva, a psicanálise toma, por verdadeiros, fatos inexplicados. (ibid, p.74)

Chego à segunda crítica levantada pela autora: a de que a sexualidade não pode ser vista como universal. Beauvoir acredita que há no ser humano uma busca pelo ser mais original que a sexualidade, sendo esta apenas um dos aspectos da existência do humano. A discussão entre o estudo da existência humana (a ontologia) e a sexualidade é longa, e de extrema tensão entre a psicanálise e a filosofia. Alenka Zupancic (2008) defende que a questão da sexualidade é o *sine qua non* de uma postura verdadeiramente psicanalítica e, nesse ponto, a psicanálise e a filosofia têm

seus encontros mais atraentes, produtivos e poderosos quando esta questão central de discussão permanece não resolvida. Poderíamos também dizer: é como se a filosofia se livrasse da psicanálise que permaneceu inflexível quanto à sexualidade, embora tendesse a deixar essa questão em suspenso. Ou: é como se aquilo que gera o que faz a psicanálise verdadeiramente interessante para a filosofia é aquilo mesmo que a filosofia não pode aceitar. A sexualidade parece assim constituir um ponto singular de ‘desencontro’, que apenas permite um mínimo encontro verdadeiro entre a filosofia e a psicanálise. (ZUPANCIC, 2008, p.313)

Beauvoir começa a discutir então qual seriam as possibilidades de destinos que as mulheres teriam para além do que seria uma análise do indivíduo para além da sexualidade, afirmando que somente o ponto de vista ontológico permite prover a unidade dessa escolha. Pouco se estende na discussão e retorna para onde a psicanálise encontra sua efetividade, pois a história é feita de generalidades e de repetições que implicam o poder de decidir. Ela toma a frase freudiana, “a anatomia é o destino”, e a compara com a frase de Merleau-Ponty, “o corpo é a generalidade”, sendo a existência, para Beauvoir, concebida “através da separação dos existentes; ela manifesta-se em organismos análogos; haverá, portanto, constantes na ligação do ontológico ao sexual” (BEAUVOIR, 1949, p. 76). Não seria a partir dessas constantes que a psicanálise se pautaria? É possível sustentarmos que Freud estava alerta a respeito da repetição e o quanto ela era importante para a clínica psicanalítica? Ele estaria então fazendo apenas um levantamento de algo categoricamente já estabelecido? Ou Freud acreditava que aquelas saídas eram as únicas possíveis?

O simbolismo não caiu do céu nem jorrou das profundezas subterrâneas: foi elaborado, como uma linguagem, pela realidade humana que é *mitsein* ao mesmo tempo que separação, e isso explica que a invenção singular nele tenha seu lugar. Praticamente o método psicanalítico é forçado a admiti-lo, autorize-o ou não a doutrina. Essa perspectiva permite-nos, por exemplo, compreender o valor geralmente dado ao pênis (1). É impossível explicá-lo sem partir de um fato existencial: a tendência do sujeito para a *alienação*. A angústia de sua liberdade conduz o sujeito a procurar-se nas coisas, o que é uma maneira de fugir de si mesmo; é uma tendência tão fundamental que logo após a desmama, quando se acha separado do Todo, a criança esforça-se por apreender nos espelhos, no olhar dos pais, sua existência alienada (*ibid.*, p. 76)

O simbolismo não caiu do céu, a autora tem plena razão. Talvez o grande esforço desse capítulo seja o de sublinhar questões que não estavam à disposição de uma determinada época, ou seja: nunca saberemos o que Freud teria elaborado se tivesse à sua disposição as ciências sociais como uma fonte de influências. Se Freud evitou ou não

pôde responder à pergunta sobre o que quer uma mulher, Simone de Beauvoir, ao longo de seu livro, vai tecendo algumas respostas, como por exemplo a importância de uma mulher ter sua liberdade e autonomia do homem. A autora (1949, p.77) afirma: “se a mulher conseguisse afirmar-se como sujeito, inventaria equivalentes para o falo” e continua: “a promessa do filho, pode tornar-se mais preciosa do que a do pênis”.

A autora nomeia o sexo feminino como sendo o segundo sexo, mas introduz a mulher em sua dimensão de Outro, ou seja, o Outro com sua letra maiúscula para designar o lugar de alteridade do sexo feminino no discurso cultural. Exige que a psicanálise não mais ignore esse lugar e que possa elaborar a partir daí uma teoria sobre a mulher que não seja calcada no “prestígio do pênis” e na “soberania do pai”. Finaliza ressaltando que não há um problema em se tomar a sexualidade como central, mas que o que a incomoda enquanto teórica feminista é que “essa atitude seja limitada” ao demonstrar pouco conteúdo relativo à libido feminina.

A descrição do destino feminino é, desse ponto de vista, impressionante. No sentido em que os psicanalistas o entendem, "identificar-se" à mãe ou ao pai é *alienar-se* em um modelo, é preferir ao movimento espontâneo de sua própria existência uma imagem alheia, é fingir ser. Mostram-nos a mulher solicitada por dois modos de alienação; é evidente que fingir ser homem seria para ela fonte de malogro, mas fingir ser mulher é também ilusão. Ser mulher seria ser o objeto, o *Outro*, e o Outro permanece sujeito no seio de sua demissão. O verdadeiro problema para a mulher está, em recusando essas fugas, realizar-se como transcendência; trata-se de ver, então, que possibilidades lhe abrem o que se chama atitude viril e atitude feminina; quando uma criança segue o caminho indicado por tal ou qual de seus pais, é talvez porque retoma livremente os projetos deles. Sua conduta pode ser o resultado de uma escolha motivada por certos fins. (*ibid.*, p.80)

A autora faz uma equivalência, pouco explicada em seu texto, do lugar de objeto e do lugar do Outro. Tal questão fica em aberto, mas se a mulher, segundo Beauvoir, hesita diante desses papéis que lhe são atribuídos, ela está na verdade reivindicando sua liberdade, liberdade de poder advir como um sujeito que não está pautado no homem. Define a autora:

Para nós, a mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer; nós a estudaremos numa perspectiva existencial através de sua situação total. (BEAUVOIR, 1949, p.81)

Beauvoir, como dito algumas vezes ao longo desse texto, reconhece os avanços teóricos que a psicanálise representa, mas não a poupa de suas críticas. Ela toma o texto de Freud para denunciar o lugar da mulher dentro da psicanálise freudiana e pós freudiana

(principalmente a dita psicologia do ego). Não é uma crítica banal, e sim estruturada dentro da própria leitura freudiana. Ela localiza, apesar de se confundir com alguns conceitos³¹, a importância de pensar as lacunas e os pontos obscuros da teoria da feminilidade da psicanálise. E como se pode fazer isso sem acolher as críticas (acolher sempre através do viés teórico e crítico) e pensar o que há para ainda elaborar teoricamente?

Para continuar minha exposição trabalharei a noção de troca de mulheres em Lévi-Strauss, pois é nessa troca que o autor localiza a base da estrutura familiar e simbólica na cultura. Esse ponto do texto é importante porque influenciará o psicanalista Jacques Lacan em sua releitura a Freud e, também, porque Lévi-Strauss localiza a mulher como um mero objeto de troca, que ao ser trocada não ganharia nada a não ser continuar submetida a um homem (pai, marido, filho, cunhado, tanto faz, sempre um homem).

3.2. A (verdadeira) troca de mulheres: uma leitura de Lévi-Strauss guiada por Gayle Rubin

Lévi-Strauss localiza e analisa o que está na base da estrutura elementar do parentesco, ou seja, o que está em jogo, principalmente, nos matrimônios. O autor adota uma postura antinaturalista e observa que a sustentação dessa estrutura se dá a partir de um sistema de trocas cujos objetos são as mulheres. As mulheres são um bem particular de seus pais, irmãos e maridos.

Ao retomar “Totem e Tabu” (1913) de Freud, ele menciona que não se trata de um estudo antropológico preciso, mas que há ali uma rede simbólica muito importante, porque recolhe do presente os efeitos do passado. Freud só consegue elaborar aquele texto porque há marcas de uma estrutura do passado que persiste no presente, ou como diz Lévi-Strauss (1949): “Freud explica com êxito não o início da civilização, mas seu presente”. O que interessa é que Freud comprovou que no inconsciente das pessoas o incesto é algo desejado.”

O desejo da mãe ou da irmã, o assassinio do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem, sem dúvida, a qualquer fato ou acontecimento histórico real, mas sim, como veremos no decorrer deste trabalho, a uma estrutura simbólica.

³¹ Um bom exemplo de alguns equívocos que Beauvoir comete diz respeito a sua insistência de tratar o complexo de Édipo feminino como o complexo de Electra. Isso não tem embasamento teórico dentro da obra freudiana.

Lévi-Strauss vê na base dessa estrutura a família que, longe de ser algo de uma realidade natural, é inteiramente cultural, social, e principalmente artificial. O autor faz um longuíssimo trabalho em diversas civilizações para explorar que, na base dessa família, repousa uma instituição que não é meramente sustentada pela reprodução biológica ou pelo acasalamento. Na base, pelo contrário, o autor sublinha dois processos que são de suma importância para a manutenção da estrutura: a proibição do incesto e a divisão sexuada do trabalho. A proibição do incesto é apresentada como um problema pelo autor, pois se trata de uma regra universal e pelo tipo de relações necessariamente exogâmicas que essa norma impõe. Conforme o autor vai apresentando o problema, ele apresenta também uma crítica à antropologia.

O incesto, para Lévi-Strauss (1949) [2018], se constitui como uma regulamentação das relações entre os sexos, constituindo assim uma invasão da cultura no âmago da natureza. O autor defenderá que “a proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura, na cultura, e em certo sentido – conforme tentaremos mostrar -, é a própria cultura” (p.49). Para ele, a relação entre incesto-cultura-natureza não é uma questão simples, e sim ambígua e equivocada. Para defender seu ponto ele traz à tona três explicações teóricas a respeito da proibição do incesto: a primeira trataria do incesto como algo do campo natural e cultural, mantendo assim o dualismo; a segunda trata o incesto como um resposta biológica e psicológica; a terceira é inversa à segunda, pois trata o incesto apenas como uma construção social, sendo assim, cultural.

Para o autor todas as três teorias malogram em sua explicação, pois nenhuma delas sustenta a ambiguidade que há entre natureza e cultura. Lévi-Strauss sustenta que para entender mais afundo as regras que regem essa lei, deve-se trabalhar com esta ambiguidade. Com isso em vista, o autor define a proibição do incesto como:

Constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura. Em certo sentido pertence à natureza, porque é uma condição geral da cultura, e por conseguinte não devemos nos espantar em vê-la conservar da natureza seu caráter formal, isto é, a universalidade. Mas em outro sentido também já é a cultura, agindo e impondo sua regra no interior de fenômenos que não dependem primeiramente dela. Fomos levados a colocar o problema do incesto a propósito da relação entre a existência biológica e a existência social do homem, e logo verificamos que a proibição do incesto não depende exatamente nem de uma nem de outra. Propomo-nos neste trabalho fornecer a solução dessa anomalia, mostrando a proibição do incesto constitui justamente o vínculo que as une uma à outra. (*ibid.*, p.63)

A lei se definirá como uma lei que opera sozinha, sendo que a passagem da natureza a cultura não representa uma reconstrução do processo de hominização, nem um pensamento da evolução dos organismos biológicos³².

E a família com isso? É indo atrás das regras que regem a proibição do incesto que o autor encontra a instituição familiar da forma como nós a conhecemos. Tal lei permite que a família passe de uma organização endogâmica para uma relação exogâmica produzindo assim uma rede “artificial de proibições e obrigações” (Lévi-Strauss, 1983).

Para que a exogamia seja garantida é necessário que haja trocas de mulheres, ou seja, há uma negociação entre homens cujo elemento central são as mulheres.

A relação global de troca que constitui o casamento não se estabelece entre um homem e uma mulher na qual um dá e outro recebe alguma coisa: ela estabelece-se entre dois grupos de homens, e a mulher aparece, nessa relação, como um dos objetos de troca, e não como um dos parceiros entre os quais a troca ocorreu. (Lévi-Strauss, 1949, p.155).

Gestin e Matieu (2014) demonstram que o pensamento de Lévi-Strauss não era orientado para demonstrar que as mulheres sofriam e eram possuídas como objetos apesar de terem sido essas as consequências que as teóricas feministas extraíram de sua obra. Para o autor, pouco importava qual era o objeto de troca. Ele estava empenhado em demonstrar como se dava a troca e como ela constituía uma rede simbólica e estrutural de nossa cultura.

Entretanto, várias frases demonstram que não se tratava de qualquer objeto a ser trocado, e sim que esses objetos fossem as mulheres. “A emergência do pensamento simbólico devia exigir que as mulheres, como as palavras, fossem coisas que se trocam” (Lévi-Strauss, 1949, p.541), uma exigência que abria toda uma configuração de um sistema e principalmente da constituição da subjetividade humana. Se tal pensamento se faz presente em nossa subjetividade, como podemos ignorá-lo? Por mais que o autor, em seus textos, insistisse que para a teoria era indiferente que os objetos de troca seja mulheres, como isso se sustenta? Se nossa subjetividade, ou a humanidade, se forma a partir da troca das mulheres, então esse lugar, ao qual ela fica submetida nessa troca, é indispensável para o que o autor define como cultura.

O que Gestin e Mathieu (2014) afirmam é que dentro de todos esses pressupostos, ou seja, dentro de todas essas afirmações de um sistema de troca ancorado na troca das

³² Gestin e Mathieu (2014) ressaltam o quanto que no pensamento de Lévi-Strauss há uma crítica ao pensamento naturalista tão presente nas Ciências Sociais de sua época.

mulheres, não há “o reconhecimento de uma relação de dominação”. Essas teorizações se mantêm diante de um registro apolítico das diferentes relações entre os sexos. Em um sistema cujo “as responsabilidades ligadas à autoridade cabem somente aos homens” é a isso que reside justamente a divisão sexual do trabalho, como se essa divisão estivesse inteiramente separada do registro identificado como o de uma opressão.

Lévi-Strauss mantém sua postura de não pensar, ou se preocupar, com essas consequências políticas para as mulheres enquanto submetidas as lógicas masculinas, entretanto numa pesquisa mais detalhada de Gestin e Mathieu (2014) é demonstrado que o mesmo não ocorre quando o antropólogo analisa o destino dos maridos uxolocais, “e evoca a ‘atmosfera dramática’ dessas sociedades nas quais o governo dos homens sustenta-se sobre uma ordem frágil” (p. 78)

Seu pensamento formalista esbarra, assim, no juízo de valores. Nessa dificuldade em considerar a diferença cultural por outro aspecto que não seja termos negativos ou tendenciosos, o autor parece incapaz de afastar-se dos valores convencionais patriarcais que preconizam a estabilidade conjugal e a harmonia familiar, cujo o preço é a submissão da mulher ao seu marido, chefe da família. (Gestin e Mathieu, 2014, p. 78)

As autoras retomam o texto de Simone de Beauvoir justamente pra ressaltar que o homem sempre serve a esse papel de referência, e que isso explica o que há de tão escandaloso na obra da filósofa francesa que denuncia o papel destinado ao “segundo” sexo. Há, então, que se esclarecer o ponto central ao que diz respeito a esse papel:

No que diz respeito a narrativa dos fatos, pois há uma “invisibilidade das mulheres, ignorância ou subestimação de sua contribuição econômica ou sociopolítica”, um desgaste no papel que ela encarna de mãe/esposa e da impossibilidade que se supõe delas não poderem “assumir uma reorganização” que extraiam um benefício próprio.

Lévi-Strauss (1949) encara esse papel como sendo a “riqueza afetiva”, o fervor e “mistério que impregnaram, sem nenhuma dúvida, desde o início, todo o universo das comunicações humanas” (p. 569)

Simone de Beauvoir (1949) faz um comentário sobre o texto de Lévi-Strauss que ajuda entender o que está em jogo quando fala de um sistema de parentesco que se baseia na troca de mulheres.

Uma observação extremamente importante impõe-se aqui: não é entre os homens e as mulheres que aparecem as relações de reciprocidade e de troca; elas se estabelecem por meio das mulheres, entre os homens; existe e sempre existiu entre os sexos

uma profunda assimetria e o “Reino das mulheres” é um mito superado; qualquer que seja o modo de descendência [N.T.: filiation no original], quer os filhos sejam incluídos no grupo do pai ou naquele da mãe, as mulheres pertencem aos machos [N.T.: males no original] e fazem parte do conjunto de prestações que eles se consentem. Todos os sistemas matrimoniais implicam que as mulheres sejam dadas por certos machos a outros machos. (BEAUVOIR, 1949b)³³

Outra autora que realiza uma leitura engendrada na política enquanto fundamental para pensarmos a troca das mulheres é Gayle Rubin, em seu texto “Tráfico de Mulheres” (1975), no qual ela articula três pontos importantes: a troca de mulheres elaborada por Lévi-Strauss, a questão do capital trabalhada por Marx e Engels e, por último, a teoria psicanalítica (com Freud e Lacan) para pensar o sistema responsável por gerar homens e mulheres. Esse texto é de suma importância para a passagem deste segundo capítulo para o terceiro, pois há na articulação de Rubin uma série de questionamentos que dizem respeito ao trabalho aqui proposto de pensar a mulher dentro da teoria psicanalítica.

Ao que parece, nem Marx e nem Engels conseguiram, ao longo de seu trabalho, estabelecer uma conexão entre as relações de trabalho e as sexuais. Eles separavam essas duas relações em: “meios de produção” e “meios de reprodução”³⁴. Tais nomenclaturas “tinham como finalidade introduzir uma distinção entre sistemas ‘econômicos’ e sistemas ‘sexuais’, e observar que os sistemas sexuais têm uma certa autonomia e nem sempre podem ser explicados em razão de forças econômicas” (p.18). Ou seja, através desse recorte haveria, então, uma separação do que ocorre em um *modus operandi* dos dois meios: enquanto o meio de produção estaria mais vinculado a uma economia, o sistema sexual estaria mais atrelado a uma reprodução (da espécie humana, principalmente).

A autora discorda de tal colocação, dizendo que é impossível afastar totalmente os dois meios de relação, já que um estaria embutido no outro.

Todo modo de produção implica reprodução – de ferramentas, de trabalho, de relações sociais. Não podemos relegar todos os aspectos multifacetados da reprodução social ao sistema sexual. Substituição de maquinaria é um exemplo de reprodução na economia. Por outro lado, não podemos limitar o sistema sexual à “reprodução”, nem no sentido social, nem no sentido biológico do termo. Um sistema de sexo/gênero não é simplesmente o momento reprodutivo de um “modo de produção”. A formação de identidade de gênero é um exemplo de

³³ Texto original: Simone de Beauvoir. 1949. “*Les Structures Élémentaires de la Parenté, par Claude Lévi-Strauss*”. *Les Temps Modernes* 7(49): 943-9 (October). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/viewFile/9547/6621>

³⁴ A autora usa como texto base, para trazer as ideias de Engels, o livro intitulado de “A origem da família, da propriedade privada e do estado” (publicado recentemente pela editora Boitempo, 2019)

produção na esfera do sistema sexual. E um sistema de sexo/gênero implica mais que “relações de procriação”, mais do que reprodução no sentido biológico. (RUBIN, 1975, p.19)

Outro posicionamento que a autora questiona é chamar nossa sociedade de patriarcal como se a palavra já implicasse o sexismo. Ela ressalta que em toda sociedade há uma determinada forma de organizar as questões pertinentes ao sexo e ao gênero, e essas organizações podem ser “igualitárias” ou “estratificados de acordo com o gênero” (p.19). Ela propõe que, em vez de usar a palavra patriarcado, se possa falar de “sistemas de sexo/gênero”³⁵. A partir disso, a preocupação da autora será explorar as relações que nossa sociedade tem em relação à família e como nossas relações de parentesco se estabelecem para extrair o papel da mulher dentro dessa dinâmica.

A troca de bens e serviços, a produção e a distribuição, a hostilidade e a solidariedade, os rituais e as cerimônias – tudo acontece dentro da estrutura organizacional do parentesco. A onipresença e a capacidade de adaptação do parentesco levaram muitos antropólogos a considerarem sua invenção, juntamente com a invenção da linguagem, um divisor de águas que marcou o salto evolutivo que transformou homínidos semi-humanos em seres humanos. (*ibid.*, p.21)

O parentesco, então, seria uma imposição de uma convenção social (e cultural) sobre os fatores de uma convenção biológica. A autora extrai essa ideia de Lévi-Strauss, pois ele consegue estruturar um sistema de parentesco na troca de mulheres entre os homens; sem perceber, ele constrói uma teoria “implícita da opressão sexual”.

Pode-se, através da leitura que Rubin (1975) faz de Lévi-Strauss (1949)³⁶, ressaltar que o que sustenta a estrutura de parentesco são as mulheres. É a partir de duas peças fundamentais, a “dádiva” e o “tabu do incesto”, que surge a troca das mulheres.

A respeito da “dádiva”, trata-se de “expressar, confirmar ou criar um vínculo social entre os parceiros de uma troca” (Rubin, 1975, p.24). A troca seria, então, um fundamento de parceria (confiança, na maioria das vezes). Em outro momento, a troca pode surgir como uma imposição de poder e respeito, mas o que interessa é que ela faz uma manutenção das relações entre homens.

³⁵ “O patriarcado é uma forma específica de dominação masculina, e o uso do termo deveria ser reservado a autoridades oficiais eclesiásticas, aos quais o termo se atribuiu inicialmente, ou a pastores nômades do tipo do antigo testamento, cuja as estruturas políticas a palavra se mostra útil para descrever”, conclui: “Seja qual for o termo que utilizamos, o importante é produzir conceitos que permitam descrever adequadamente a organização social da sexualidade e a reprodução de convenções de sexo e de gênero.” (*ibid.*, p.20)

³⁶ “As estruturas elementares de parentesco” de Levi-Struss (1949), publicado em português pela editora Vozes.

Já o “tabu do incesto” é o que permite que essas trocas saiam de uma família para outra, pois a partir do momento em que se proíbe as relações entre familiares, os membros da mesma família deverão procurar as parceiras em outras famílias. O casamento assume essa lógica e oficializa esse sistema de parentesco:

na verdade, o que acontece é que o tabu do incesto coloca o objetivo social da exogamia e da aliança acima dos fatos biológicos de sexo e procriação. O tabu do incesto divide o universo da escolha sexual em categorias de parceiros sexuais permitidos e interditos. De forma explícita, proibindo uniões dentro de um grupo, ele impõe as uniões entre os grupos. (RUBIN, 1978, p. 25)

Isso leva justamente ao seguinte resultado: “da troca de mulheres como dádivas vai mais longe do que o efetuado por outras transações, porque as relações que se estabelecem assim não são só de reciprocidade, mas de parentesco” (*ibid.*, p. 25).

As mulheres são colocadas nesse sistema como objetos da organização. E, segundo Rubin, isso não teria o menor problema se nessa troca elas também ganhassem algum tipo de benefício. O problemático se estabelece justamente porque não são elas que ganham alguma coisa na transação:

Se as mulheres são os presentes, então os homens é que são os parceiros nessa troca. E é aos parceiros, não aos presentes, que essas trocas conferem o poder quase místico do laço social. As relações desse sistema são tais que as mulheres não têm condições de perceber claramente os benefícios trazidos pelas trocas de que são objeto. Na medida em que as relações estabelecem que os homens trocam as mulheres, os homens é que são beneficiários do produto de tais trocas – a organização social. (*ibid.*, p. 27)

Toda essa elaboração acerca de um conceito de “troca de mulheres” tem um papel fundamental de situar essa troca nos sistemas sociais e não, como muitos pensavam, na biologia. As mulheres são, nessa perspectiva, “dadas em casamento, tomadas durante combates, trocadas com o objetivo de conseguir favores, enviadas como tributos, compradas e vendidas” (p.27), ou seja: são tratadas como objetos. Apesar de acontecer, sim, um tipo de opressão sobre o trabalhador homem, pode-se afirmar as mulheres são objetificadas simplesmente por serem mulheres³⁷.

³⁷ Em uma passagem do livro “Mulheres, Raça e Classe” (2016) de Angela Davis, onde a autora diz que em termos de trabalho as escravas e os escravos eram iguais, ou seja, sofriam a mesma opressão. Mas os senhores ainda preferiam as escravas, pois além de trabalhar com a mesma força de trabalho que um homem, ela ainda poderia lhe dar mais escravos. “Uma vez que as escravas eram classificadas como reprodutoras, e não como mães, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezeros separados das vacas. (p. 20)

É a partir dessas constatações que a autora consegue formular o gênero como uma divisão de sexos imposta socialmente: o casamento se torna o oficializador do parentesco, transformando assim “pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino em ‘homens’ e ‘mulheres’” (p. 31) e implantando aí todo tipo de ideia de complementariedade entre o par heterossexual.

Para que esse sistema continue dando certo sem problemas é preciso – e necessário – que a mulher não tenha nenhum tipo de autonomia ou de vontades “próprias” (por exemplo, uma mulher que diga com quem deseja se casar, ou se deitar). Rubin conclui: “do ponto de vista do sistema, é preferível que a sexualidade feminina corresponda ao desejo dos outros, e não que deseje e busque ser correspondida ativamente” (p. 34).

Como foi visto ao longo desse capítulo, tanto na leitura de Beauvoir quanto na leitura de Lévi-Strauss (orientando-se por Gayle Rubin), pôde-se perceber que o lugar da mulher na cultura não é um lugar simples, é um lugar estrutural e a principal sustentação de todo um sistema patriarcal. Beauvoir traz à tona uma elaboração importante de uma sexualidade feminina ou uma constituição da mulher submetida à lógica masculina. Quando trabalha com inveja do pênis e frustração, a filósofa parece perguntar aos psicanalistas: o que ainda se sustenta disso?

Jacques Lacan é o psicanalista francês que, inquieto com a leitura que seus contemporâneos estavam fazendo de Freud, se propõe a um projeto político de releitura dos textos freudianos. Digo político pois é a partir de uma perspectiva e com uma determinada epistemologia que Lacan retoma os escritos freudianos. Quando, no primeiro capítulo, elaborei o percurso freudiano acerca do feminino, tive que fazer um imenso esforço para não implantar uma leitura guiada por Lacan. Meu objetivo foi sustentar o conflito freudiano. Agora, será o de trazer as releituras de alguns dos fragmentos teóricos do feminino que foi elaborado, mais ainda, por Lacan.

4. CAPÍTULO 3 - A MULHER COMO SIGNIFICANTE?

A mulher como significante já é um título que causa algum tipo de conflito, pois, ao longo de seu trabalho, Lacan afirma que a mulher não existe. Mas em outro momento afirma que tanto homens quanto mulheres são significantes. Me proponho aqui a sustentar essa primeira questão: o que quer dizer Lacan quando ele fala de mulher?

Para isso vamos retomar, em primeiro lugar, o complexo de Édipo e o lugar que Lacan dá à castração. O Édipo de Lacan não será universal e colocado para qualquer pessoa: o que será universal é a castração. O segundo ponto a ser retomado será a questão do pênis/falo. Em Lacan, o falo ganha sua verdadeira distinção do órgão masculino – o pênis. Tal distinção é feita a partir da subversão que Lacan faz da teoria de significante e significado de Saussure e da leitura que o psicanalista francês consegue fazer de Freud. O falo passa a ser um significante privilegiado que terá uma função e três registros: o simbólico, o real e o imaginário. É a partir da relação com o falo que o ser falante estabelecerá sua relação com o desejo.

O caso Dora retorna aqui para finalmente podermos entender a dinâmica que se formou, pelo o que ela era sustentada e como ela entrou em crise. Dora e sua família mantinham uma relação de proximidade com a família K. Dora inclusive era muito próxima à Sra. K, mas a partir de um exato momento tudo mudou e a jovem menina começou a exigir que seus pais cortassem qualquer relação com a família K. O atendimento da menina com Freud durou poucos meses. Houve um rompimento após uma interpretação forçosa de Freud, erro que o próprio reconheceu, mas, mesmo assim, Lacan insiste que há uma riqueza nesse caso e que devemos dedicar nosso tempo de leitura a ele.

Finalizo este capítulo com a introdução à tábua da sexuação. Nessa escrita lacaniana, e topológica, o autor elabora um lado que corresponde ao lado Homem, do gozo fálico e do conjunto dos significantes. Do outro lado, o lado Mulher, do gozo não todo fálico e da impossibilidade de fazer um conjunto fechado em seus significantes. O principal objetivo dessa parte do trabalho é insistir na questão: que mulher é essa que Lacan nomeia na tábua?

4.1. Édipo, falo e desejo – a releitura de Lacan

O mito do Édipo é tomado por Freud para dar conta de como a sexualidade e o próprio neurótico se constituem. Por muito tempo o complexo de Édipo feminino e masculino eram vistos da mesma forma, e só após 1920 o pai da psicanálise foi se preocupar em distinguir o que seria a constituição feminina dentro do mito edípico – como foi demonstrado no primeiro capítulo desse trabalho. Essa elaboração rendeu toda uma discussão em torno do que se tratava na sexualidade feminina e do porquê ela estar submetida à sexualidade masculina, como bem pontuou Beauvoir, ou o porquê de a verdadeira saída para a feminilidade ser a maternidade. Por isso elegi esse o primeiro ponto a ser retomado nesse trabalho.

Jacques Lacan realiza uma releitura do complexo de Édipo em alguns de seus seminários, mas é no seminário V (1957/58) que ele o estrutura em três tempos: 1º) identificação com o falo: ser o desejo da mãe; 2º) privação (ter ou não ter o falo); 3º) simbolização do falo e identificação com quem supostamente o possui (o pai). Posteriormente, em sua obra, Lacan retoma esse terceiro tempo do Édipo e diz que nem o pai – e nem ninguém – tem o falo. O pai precisa amar uma mulher para tê-lo. Há de se entender que para Lacan o falo jamais será um objeto que alguém possui: homens e mulheres são castrados.

O primeiro tempo implica que o bebê, em sua relação com a mãe, ocupe o lugar de falo materno, ou seja, o lugar de seu desejo. Segundo Lacan (1957-58/1999), “não se trata da simples apetência das atenções, de contato, de presença da mãe, mas da apetência de seu desejo” (p.188). O mais interessante é a mudança ao longo dos três tempos: o olhar da mãe e o aparecimento do pai em seu discurso. Aqui, o pai, aparecendo de forma velada – pois ele já faz função no discurso da mãe – não aparece para a criança, porque o pai para a psicanálise não é o pai da realidade, e sim o pai simbólico, “lei do símbolo” (LACAN, 1957-58/1999) – mesmo quando não está presente, existe. Ou seja, quando Lacan diferencia um “pai da realidade” de um “pai simbólico”, ele tira o estatuto carnal do pai, ou melhor, ele tira o lugar do homem enquanto agente do desejo da mãe. O pai aqui vira símbolo de desejo marcado na linguagem materna: não pode ser qualquer coisa, mas também não fica restrito ao homem que a mulher ama. A criança aqui “se esboça como assujeito” (LACAN, 1957-58/1999, p.195) e isso se dá porque ela é totalmente submetida aos caprichos “daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado” (*ibid*, p.195).

Aqui, ainda, a criança não aceita a castração. Em diversos textos de Freud (1924/2016), vemos exemplos de que essa castração é rejeitada. É comum o menino pensar: “o pênis ainda é pequeno, ficará maior depois”, como é mostrado no texto:

Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado (FREUD, 1924/2016, p. 173)

Não se acredita que esse investimento pela mãe e o desejo de ser seu desejo possa ser “punido”, pois o menino não acredita que possa, de fato, perder seu órgão que lhe dá tanto prazer. É importante sublinhar que se trata exatamente de algo que se perde, mas voltarei a isso mais adiante, quando falar do terceiro tempo. Não existe o medo da perda do pênis (falo), mesmo que já exista a triangulação edípica (mãe-pai-criança). Sendo assim, a ameaça de castração ainda não aparece como uma possibilidade.

Em algum momento, quando a criança percebe que o desejo de sua mãe se volta para um Outro que não é ele próprio, ela nota a figura de um terceiro, um que se coloca entre seu desejo e o objeto. A partir daí a identificação com o pai como seu ideal e o investimento libidinal na mãe não podem existir juntos, pois existe um conflito nessa existência. O sentimento pelo pai se torna ambivalente: hostilidade e amor.

É a problemática fálica que garante que surja o pai simbólico, ou seja: é porque a criança se identifica com esse objeto fálico que pode surgir o medo da castração. Esse é um ponto importante da elaboração lacaniana, pois não se trata de possuir o faló, e sim de se identificar a ele.

Nesse segundo tempo do Édipo, após uma série de experimentos a serviço do sexual, a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão comum a todas as pessoas.

Existe algo que marca a diferença entre homens e mulheres. Freud chama isso de “primazia do faló”. A criança sai da lógica de que todos são possuidores do faló e entra em uma outra na qual existem as pessoas que possuem e as que não possuem o faló pois o perderam. A falta do pênis é vista como uma castração, algo que em algum momento esteve lá, mas retiraram. A criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria.

Para a criança, existe esse sentimento de amor e desejo pela mãe e um outro para com o pai, porque, ao mesmo tempo em que ela se identifica com esse, ele é o que possui

a mãe e que barra o desejo do filho de possuir a mãe. O pai surge como um terceiro que enlaça a lei da interdição. A criança internaliza essa lei que torna a mãe como um objeto privado, entrando assim na ordem simbólica do “Nome-do-Pai”, como nomeia Lacan – nome que, em francês, pode ser escutado com um duplo sentido, “*Nom-du-Père*”, que pode ser entendido como Nome-do-Pai ou Não-do-pai. Existe um deslocamento que se dá a partir da castração, em que a mãe transfere seu olhar do filho para o pai e faz com que o filho imagine que esse passa a ter o falo tão desejado pela mãe.

É a partir desse momento que a criança passa ao terceiro tempo: o declínio do complexo de Édipo. No momento em que o pai é visto como o possuidor do falo, como o Outro desejo da mãe, ele deve e precisa dar provas disso. Como diz Lacan, “é por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar” (LACAN, 1957-58/1999, p.200).

Sendo assim, no terceiro tempo do Édipo, o pai pode dar à mãe o que ela deseja, pois ele é potente, possuidor do falo. Não importa mais para criança ser o falo, mas sim ter o falo ou não o ter. Essa relação passa a ser simbólica, já que circula na cadeia do significante como objeto fálico. Ao se tornar simbólica a questão fálica, o sujeito constata que ninguém possui o falo, já que mesmo o pai tem falta e que, para ter o falo, é preciso amar uma mulher.

Assim, como diz Lacan (1957-58/1999, p.212), se dá o Complexo de Édipo:

A identificação que pode ser feita com a instância paterna realiza-se aqui, portanto, nesses três tempos.

Em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não apetece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de nesse reinar a lei do símbolo. Por causa disso, a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la.

Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei.

Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se de *ideal do eu*. Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no pólo em que está o filho, na medida em que é no pólo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu.

Lacan sem dúvida nenhuma tenta tirar a equivalência entre pênis e falo, dando outro estatuto para o que Freud teria notado como sendo um dos pilares da sexualidade, tanto masculina quanto feminina. Apesar de falar ainda em mãe e pai, ressalta o quanto esses nomes não condizem com a realidade, e sim com lugares simbólicos. Há quem exerça um lugar de cuidado e olhar sob o bebê e há o momento em que esse cuidado e olhar se voltam para um outro.

Dentro dessa perspectiva podemos elaborar mais a fundo o lugar que Lacan dá especificamente para o falo. Para isso tomarei o texto do mesmo ano que o seminário V, “A significação do falo” (LACAN, 1958/1998). Já no início do texto há a afirmação de que o complexo de “castração inconsciente tem uma função de nó” (LACAN, 1998, p.692). A respeito dessa função, Rabinovich (2005) faz referência “ao ponto de encruzilhada” que o falo realiza nessa operação. Também sabemos que em seu “Seminário V – As formações do inconsciente” (1957-58), Lacan nos indica que a castração tem um caráter essencial e não se trata de uma castração real, pois ela “está ligada, como dissemos, a um desejo. Está ligada inclusive à evolução, ao progresso, à maturação do desejo no sujeito humano” (LACAN, 1999, p.318)

Tal afirmação depois deriva em duas especificidades desse nó. A primeira será na estrutura dinâmica dos sintomas, tanto no que diz respeito à neurose, psicose ou perversão, ou seja: o complexo de castração opera nas três estruturas, porém de formas distintas.

A segunda especificidade do nó será uma regulação no que diz respeito à sexualidade do sujeito. O nó produzirá uma regulação mediante a qual o sujeito se identificará com o ideal do sexo, responderá às necessidades de seu parceiro sexual e até influenciará no que diz respeito à criança que pode ser gerada. O que Lacan já parece apontar com esse segundo aspecto é que o biológico ficará afetado diante desse nó. A possibilidade de se identificar com o ideal de seu sexo, ou seja, poder ser identificado como homem ou como mulher vai derivar dele. Colocar-se como sujeito em uma relação com seu parceiro não implicará doravante em regras determinadas pela natureza. Por último, até a questão da maternidade e da paternidade será levada em conta: não basta ser mãe ou pai biologicamente para que a relação com a paternidade ou maternidade esteja automaticamente colocada em jogo.

A pergunta que é feita para começar a elaborar a relação do sujeito com o falo é: “qual é o vínculo entre o assassinato do pai e o pacto da lei primordial, se nele está implícito que a castração consiste na punição pelo incesto?” (LACAN, 1998, p.692)

A relação que o sujeito estabelecerá com o falo não levará em conta tão simplesmente a diferença anatômica entre os sexos. É por esse motivo que o percurso da mulher, resumido em quatro tópicos, torna-se particularmente espinhoso:

- 1º. por que a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na aceção de privada de falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiro é sua mãe, ponto importante, e em seguida seu pai, mas de tal maneira que temos de reconhecer nisso uma transferência no sentido analítico do termo;
- 2º. por que, em ambos os sexos, a mãe, mais primordialmente, é considerada como provida do falo, como mãe fálica;
- 3º. por que, correlativamente, a significação da castração só adquire de fato (cl clinicamente manifesta) seu alcance eficiente na formação dos sintomas, a partir de sua descoberta como castração da mãe;
- 4º. esses três problemas culminam na questão da razão, no desenvolvimento, da fase fálica. Sabemos que Freud especifica com esse termo a primeira maturação genital - como aquilo que se caracterizaria, por um lado, pela dominância imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório -, e que, por outro lado, localiza esse gozo da mulher no clitóris, assim promovido à função do falo, e com isso parece excluir, nos dois sexos, até o término dessa fase, isto é, até o declínio do Édipo, qualquer localização instintiva da vagina como lugar da penetração genital. (*ibid*, p. 697)

Não nos ateremos a discutir esses quatro tópicos. O que importa ressaltar é que para Lacan, diferentemente dos pós-freudianos, o falo, na doutrina freudiana

não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (*ibid*, p.696)

É desse modo que logo em seguida o autor conclui que o falo é um significante.

Saussure estabelece a relação entre significado e significante a partir do signo. Segundo ele, esta seria a união de um conceito com uma imagem acústica, o que depois será definido como significado e significante, respectivamente.

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir o conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. (SAUSSURE, 2012, p.107)

Lacan tira o conceito de significante e significado da linguística, de Saussure e Jakobson, mas pontua que Freud o antecipou:

Inversamente, é a descoberta de Freud que confere a oposição entre significante e significado o alcance efetivo em que convém entendê-la, ou seja, que o significante tem função ativa na determinação dos efeitos em que o significável aparece sofrendo sua marca, tornando-se, através dessa paixão, significado. (LACAN, 1998, p.695)

Lacan sabiamente realiza uma subversão: se em Saussure há uma oposição entre significado e significante, em Lacan, por sua vez, encontra-se uma oposição entre significante e significado. Tomo aqui a palavra “oposição” não em seu sentido de ser oposto, e sim em seu estatuto de diferença.

A primeira definição de significante, em Lacan, será então que “o significante tem função ativa na determinação dos efeitos em que o significável aparece sofrendo sua marca” (*ibid*, p.695), tornando-se significado.

Rabinovich (2005), a respeito dessa passagem, esclarece que o significável é tudo aquilo que pode sofrer a ação do significante através de uma marca, produzindo assim um significado. É nessa marca, nessa paixão, que está a condição humana. É na medida em que “não só o homem que fala, mas que no homem e pelo homem, isso fala” (*ibid*, p. 695). É dessa marca, da marca do significante, que o sujeito é efeito.

Encontraremos em “A significação do falo” duas definições do falo que são importantes para entendermos seu estatuto de significante e seu privilégio. A primeira diz que “o falo é o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado” (*ibid*, p.697); a segunda, algumas páginas depois: “o falo é o significante privilegiado dessa marca na qual a parte do logos se une ao advento do desejo” (*ibid*, p. 699).

Na primeira afirmação lemos que o falo é “destinado a designar”. Destino deve ser entendido como um privilégio: o falo dentre todos os significantes será o escolhido para uma função particular. Há então o isolamento de um significante (o fálico) da bateria de significantes. Ele é retirado dela para assim cumprir sua função de “designar em seu conjunto os efeitos de significado”. Entendemos por “designar”, juntamente com Rabinovich:

Designar pode querer dizer nomear algo ou alguém com um nome; pode querer designar alguém como um burro, por exemplo, e também implica a possibilidade de nominar, de designar alguém para um cargo; deste modo, tem o valor de um indicativo, quando se assinala um objeto qualquer. (RABINOVICH, 2005, p.22)

Isso indica a existência, em Lacan, de dois conjuntos: um conjunto da bateria de significantes e o conjunto dos significados. Daquela bateria se extrai um significante (pertencente à própria bateria) e ele é nominado a nomear o conjunto de significados.

A respeito da segunda definição que encontramos na letra de Lacan, podemos nos questionar logo de cara o que significa, nesta frase, a palavra “*logos*”. Em grego significa a palavra escrita ou falada – o verbo (*Dicionário Informal Online*). Diante desse significado podemos entender que o falo é o significante privilegiado de uma marca que se dará entre o verbo e o surgimento do desejo, entre a linguagem e o desejo.

Na primeira parte do texto de Lacan vimos que existem duas especificidades da função de nó da castração. Uma delas se trata justamente da posição que o sujeito vai alcançar diante do ideal do sexo, da relação com seu parceiro e da criança daí procriada. Apontamos justamente que já nessa parte há uma indicação do autor de que não se trata de funções biológicas, ou seja, ser mãe e ser pai não vai se dar de forma natural. O que acontece é que, ao sofrer essa marca do significante, o corpo do humano não será um corpo biológico. Tal marca é uma marca sobre o corpo: é aí que incide o significante.

Para fundamentar melhor essa parte é importante entender que há uma grande sacada que Lacan dá ao notar que há um desvio das necessidades do homem pelo fato de ele falar. Tais necessidades estão sujeitas a uma outra coisa, a saber, a uma demanda. Lacan parte das demandas, que têm como referência “algo distinto das satisfações por que clama” (LACAN, 1998, p.697) e sempre retornam de forma invertida para o sujeito. Rabinovich (2005, p.25) nos indica: “sua necessidade, portanto, é configurada pela estrutura da demanda do Outro. A mensagem do Outro, articulada e articulável, assume sempre a forma da demanda do Outro.”. Na experiência com esse Outro a criança pode esperar mais do que uma satisfação da necessidade. Quando observamos uma mãe com o seu bebê, o que importa é o que ela vai interpretar de suas necessidades: um choro pode não significar nada, porém diante do Outro ele pode ser signo de fome, de “manha” ou de sono. A demanda assim se configura nesse texto de Lacan como a demanda de amor que pode ou não ter uma resposta. O que fica precário, entretanto, como ressalta Rabinovich (2005), é que a demanda pode ser duplamente insatisfatória, porque de um lado biológico não há saciedade; do lado do significante deixa sempre um resto que receberá o nome de desejo:

O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*). (LACAN, 1998, p. 698)

Demanda de amor menos apetite de satisfação é igual ao desejo. Haverá sempre aí um desejo que resta insatisfeito, uma vez que a satisfação nunca dará conta da demanda de amor. Entre o biológico e a linguagem, uma hiância impossível de ser transposta se abre. Não há ponte que ligue uma margem à outra. O homem ou mulher falante, destinado a circular no mundo dos significantes, sempre se encontrará com o resto desejante que o coloca em movimento. A insatisfação não é algo que está colocado somente para o sexo feminino, e sim para o sujeito que se localiza dentro da linguagem. O desejo representa precisamente esse resto e estará colocado dessa forma a todo neurótico.

4.2. Histeria: estrutura e discurso

Que diz Dora através de sua neurose?
Que diz a histérica-mulher?
Sua questão é a seguinte: o que é ser uma
mulher?
(LACAN, 1955, p. 205)

Foi trabalhado o Édipo, o falo como significante e o que está em jogo dentro da lógica do desejo. Agora retomarei a histeria a partir da releitura que Lacan faz do caso Dora, mais especificadamente no “Seminário – livro IV: a relação de objeto” (1956-57) e no “Seminário – livro V: as formações do inconsciente” (1957-58).

Lacan retoma o caso Dora em diversos momentos e de diversas formas. Nos seminários citados, ele retoma Dora a partir da pergunta “o que é ser mulher?” e diz que seus dois sonhos são esclarecedores justamente no ponto onde se formula essa pergunta (LACAN, 1956-57). Quando se trata da histeria, Lacan, diferentemente de Freud, diz que não importa “o que” Dora deseja, e sim, “quem” Dora desejava. Há para Lacan uma riqueza presente no caso Dora e é necessário ainda fazer descobertas acerca desse caso.

O caso Dora, sua estrutura clínica, foi abordada no primeiro capítulo desta pesquisa. Não retomarei aqui sua história, e sim a releitura que Lacan faz dela. O que se sabe e tem que estar em mente é que havia uma relação entre o pai de Dora, Dora e o casal K. E que, por um tempo, tanto a família de Dora quanto a família K mantinham relações próximas e íntimas, mas que em um determinado momento algo se rompeu de

tal forma que Dora passou a exigir que seus pais, e principalmente seu pai, rompessem a relação com a família K. É nesse cenário – e com a descoberta por parte dos pais de Dora de uma carta de suicídio – que Dora chega ao consultório de Freud.

O passo que Freud dá é perguntar a Dora sobre a participação dela dentro dessa dinâmica, ou seja, há um momento em que a própria Dora se colocava em uma posição de sustentar a relação que o pai tinha com Sra. K. A menina diversas vezes ocupou o lugar de cuidado com os filhos da Sra. K e mantinha com a mesma uma relação muito próxima. Abre-se um enigma em relação ao que concerne o motivo de a jovem ter se revoltado com essa situação, apesar de reconhecer, juntamente com Freud, que houve um erro do pai da psicanálise em apontar “com todo o peso da insistência e da autoridade” (LACAN, 1956-57/1995, p.140) que a problemática estava numa resistência que a paciente tinha de admitir que haveria uma relação amorosa entre ela e o Sr. K. Para Lacan, sem dúvidas, tanto o Sr. K quanto a Sra. K exerciam um papel na vida de Dora e que, muito possivelmente, a menina estaria em um laço libidinal com os dois. Mas o que realmente importa para Lacan é: “como conceber ambos de uma maneira que justifique e permita conceber o progresso da aventura e o momento em que esta se interrompe, sua crise, o ponto de ruptura do equilíbrio?” (*ibid*, p. 141).

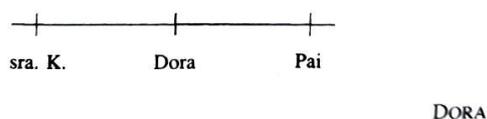
Dora estabelece uma relação tanto com o Sr. K quanto com Sra. K. Em relação ao primeiro, Lacan ressalta que se trata de uma identificação com um personagem viril: Dora é o Sr. K em seu imaginário, em relação ao seu eu e por ligar ela a Sra. K. Já a Sra. K ganha sua importância pois ela é a questão de Dora.

A sra. K. é alguém importante, por quê? Ela não é importante apenas porque constitui o objeto de uma escolha dentre outros objetos. Ela não é importante apenas porque está investida da função narcísica que reside no fundo de todo enamoramento, *Verliebtheit*. Não, como indicam os sonhos, e é em torno dos sonhos que gira o essencial do caso, a sra. K é a questão de Dora. (*ibid*, p.141)

Falar que Dora é uma histérica implica em localizá-la como alguém que está numa crise edípica, ou seja, passando por um enorme conflito buscando sua resolução. O que isso quer dizer? Que nesse caso há um lugar importante que Lacan diz que não se pode perder a ocasião de sublinhar: o lugar do pai como referência à falta de objeto, mecanismo pelo qual a menina entra no Édipo:

Existe o objeto de que a criança é frustrada. Mas, depois da frustração, seu desejo subsiste. A frustração só tem sentido na medida em que o objeto, como pertinência do sujeito, subsiste depois da frustração. A mãe intervém, então, num outro registro: ela dá ou não dá, mas na medida em que esse dom é signo de amor. (*ibid*, p.142)

Importante ressaltar essa posição do pai como aquele que dá ou tem o falo, aquele que é feito para ser quem dá, simbolicamente, o objeto faltoso. Lacan a partir daqui começa a elaborar o que está em jogo no caso Dora, ou seja, o que veio ser a quebra do equilíbrio de uma relação que antes parecia estar sendo sustentada pela própria Dora.

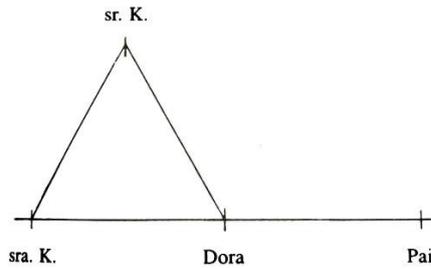


Esse primeiro esquema que Lacan propõe quando analisa o caso Dora se trata justamente do momento em que a Sra. K aparece dentro da vida de Dora e seu pai. Lacan insiste que se trata de uma relação de amor, pois Dora ama seu pai. Entretanto o que se inaugura com a entrada da Sra. K é a capacidade de seu pai amar uma mulher e a elaboração da seguinte pergunta por parte de Dora: o que é que meu pai ama na Sra. K? “A sra. K se apresenta como algo que seu pai pode amar para além dela mesma. Aquilo a que Dora se apegava é o que é amado por seu pai numa outra, na medida em que ela não sabe o que é” (*ibid*, p.143). Segundo Lacan isso está em conformidade com o que é elaborado dentro da teoria do objeto fálico, já que o sujeito feminino só pode entrar na dialética da ordem simbólica pela suposição do Outro ter o falo.

É nisso que se apoia o desejo histórico: numa suposição de que o falo pode ser recebido ou possuído por alguém.

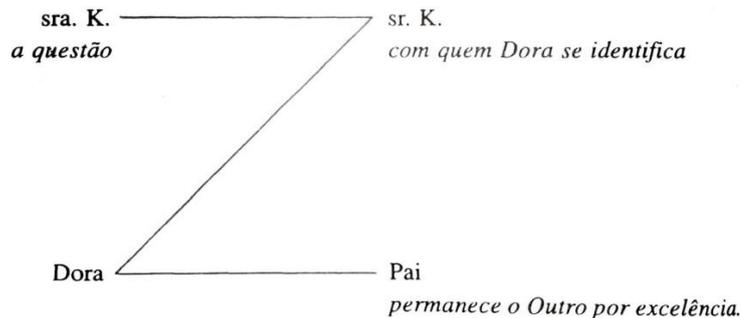
Dora se interroga: O que é uma mulher? E é na medida em que a sra. K. encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que esta se projeta como sendo a questão. Dora está no caminho da relação dual com a sra. K., ou melhor, a sra. K. é aquilo que é amado para além de Dora, e é por isso que Dora sente, ela própria, interessada nessa posição. A sra. K. realiza aquilo que ela, Dora, não pode nem saber nem conhecer por essa situação em que não encontra onde se alojar. O que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta. (*ibid*, p. 144)

Há para Dora uma certa satisfação no que diz respeito ao lugar que ela encontra entre seu pai e a Sra. K.



DORA (2)

Aqui entra o segundo esquema que Lacan propõe para o caso Dora. Ele simboliza a entrada do Sr. K. na história pois, para Lacan, essa entrada se dá por conta de uma tentativa de Dora em restabelecer uma “situação triangular”. A importância do Sr. K será a de uma identificação a um homem que também ama e adora a Sra. K, ou seja, sendo a Sra. K um objeto de amor de todos que a cercam, e sendo Dora participante dessa adoração, o Sr. K é “a maneira como ela normativiza essa posição, tentando reintegrar no circuito o elemento masculino” (*ibid*, p.145). Essa configuração resulta no esquema final visto abaixo:



DORA (3)

O momento crucial para a queda dessa estrutura estabelecida fantasticamente por Dora é a cena que ela conta a Freud do lago, onde o Sr. K lhe diz: “você sabe que eu não tenho nada com a minha mulher”. Nesse momento a jovem lhe esbofeteia. Para Lacan, diferentemente de como Freud interpretou, o que está em jogo ali é que o Sr. K não cumpriu o seu lugar.

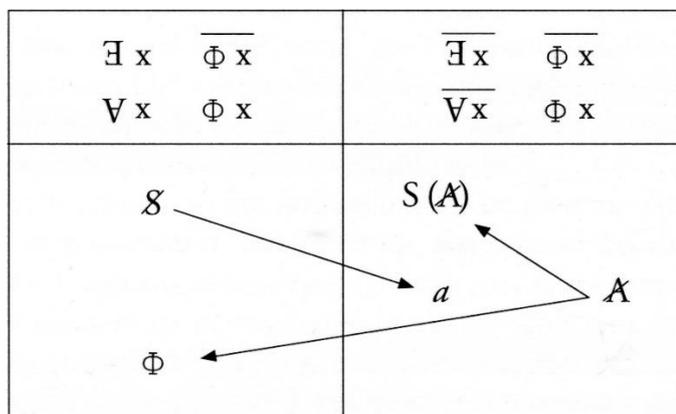
Dora pode inclusive admitir que seu pai ame nela, e por ela, aquilo que está para além, a sra. K., mas para que o sr. K. seja tolerável em sua posição, é preciso que ocupe a função exatamente inversa e equilibradora. A saber, que Dora seja amada por ele para além de sua mulher, mas na medida em que sua mulher represente alguma coisa para ele. Essa alguma coisa é o mesmo que esse nada que deve existir para além, isto é, Dora, no caso. Ele não diz que sua mulher nada é para ele, e sim que, pelo lado de sua mulher, não há nada. (*ibid*, p. 146)

Em outras palavras o que o senhor K faz é dizer que não há nada depois de sua mulher: “minha mulher não está no circuito”. Para Dora o fato de que ele não se interesse por ela “senão na medida em que ele só se interesse por ela” é intolerável. A lógica que antes se baseava em algo que a Sra. K possuía que atrai a atenção dos homens que a amavam passa a ser uma lógica dual, ou seja, se o Sr K. se interessa por Dora, isso significa que seu pai se interessa somente pela Sra. K.

Como explica o sr. Claude Lévi-Strauss em As estruturas elementares do parentesco, a troca de laços de aliança consiste exatamente no seguinte: Eu recebi uma mulher e devo uma filha. Só que isso – que é o próprio princípio da instituição da troca e da lei - faz da mulher um puro e simples objeto de troca, ela não é integrada por nada ali. Em outras palavras, se ela mesma não renunciou a alguma coisa, isto é, precisamente, ao falo paterno concebido como objeto do dom, ela não pode de modo algum conceber, subjetivamente falando, que receba outras, isto é, de um outro homem. Na medida em que está excluída da primeira instituição do dom e da lei na relação direta do dom do amor, ela só pode viver essa situação sentindo-se reduzida, pura e simplesmente, ao estado de objeto. (*ibid*, p.147)

Dora, sendo histórica, recusa uma posição pura de objeto. É importante ressaltar que a questão não era simplesmente o pai de Dora dando ela em troca para o Sr. K para compensar sua relação com a Sra. K. Não era isso. Antes, a questão era a sustentação, por Dora, de uma relação quaternária por seu interesse e amor, ou melhor, porque ali estava localizada sua questão: a Sra. K e os motivos pelos quais os homens se interessavam por ela.

4.3. A mulher enquanto significante?: escrita e sexuação



Lacan começa a elaborar os quantificadores de Aristóteles a partir do “Seminário – Livro 15: o ato psicanalítico”, ou seja, ele começa a se interessar pela questão do todo e do não-todo e pelo que se entende como Um. Apesar de estar às voltas há um tempo com essas questões, é especificamente no “Seminário – Livro 20: mais ainda” que ele elabora a tábua da sexuação propriamente dita. A discussão da sexuação, para Lacan, estará colocada justamente a partir do que se entende como esse Um.

A primeira parte a ser analisada quando se trata da tábua da sexuação é a parte superior, onde aparecem as proposições da lógica que estão presentes no lado homem (lado esquerdo) e no lado mulher (lado direito), como podemos ver na figura abaixo:

$\exists x$	$\overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x}$	$\overline{\Phi x}$
$\forall x$	Φx	$\overline{\forall x}$	Φx

O que está em jogo nas fórmulas da sexuação é justamente uma lógica pela qual Lacan argumentará que nela está toda a diferença entre os sexos. (Badiou, 1992). Se pensamos na existência do ser sexuado, temos que entender o que está em jogo nessa existência, ou seja: é a partir do escrito, da lógica e da matemática que se pode pensar além da existência do ser sexual enquanto gênero, órgão sexual e substância:

é algo que deve fazê-los refletir sobre noções como a existência, por exemplo. É claro que foi somente a partir de uma certa reflexão sobre as matemáticas, que a existência ganhou sentido (LACAN, 1971-72/2010, p.122)

Se pode observar, no trecho lacaniano, que a questão da existência não se resolve de maneira simples, seja um recurso ontológico ou material. De que existência ele fala? Trata-se de uma existência meramente significativa, como efeito de um discurso? Cabe pensar quais as consequências portam a afirmação de que foi justamente o campo da matemática que conferiu, segundo Lacan, sentido à reflexão sobre a existência. Pretendo, ao longo da confecção do trabalho no doutorado, responder às questões colocadas em jogo sobre a existência do sujeito sexuado em seu conflito na partilha dos sexos. Reiteradas vezes Lacan afirma que o significante não preenche um “Ser” entendido como substância – como na tradição filosófica. Por que, então, afirmar que a matemática dá sentido à reflexão da existência? Ao afirmar que “Há-Um”, como faz no seminário em questão, o que é esse Um? Talvez um primeiro modo de pensar essa questão seja remetendo-a justamente a uma enigmática frase, na qual Lacan anuncia algo que só existe ao não ser (LACAN, 2012). O que é a existência ancorada na matemática? De toda forma,

é necessário antes situar de maneira introdutória a tábua da sexuação. O que é? Pra que serve? Por qual razão Lacan lança mão dessa escrita para dar conta do conflito sexual na linguagem?

Vamos às proposições: na posição superior esquerda, lê-se “existe x que não atende à função de x” ou “existe x que não é submetido à função fálica”:

existe um x tal que o que há de sujeito determinável por uma função que é o que domina relação sexual, isto é, a função fálica - é por isso que escrevo $F(x)$ - existe um x que se determina por ter dito não à função (LACAN, 1971-72/2010, p. 122).

A essa proposição Lacan nos relembra do pai primordial de “Totem e Tabu” de Freud. Há esse “ao menos um” que diz não à lógica da castração. É a partir desse ponto de negação que, segundo Lacan, podemos pensar o caráter propriamente mítico do Complexo de Édipo.

Na posição inferior esquerda temos a universal positiva dessa existencial negativa que se lê como “para todo x opera-se a função de x” ou “para todo x a função fálica opera”. Entre essa universal positiva e a existencial negativa há uma contradição, que Lacan afirma ser diferente da contradição aristotélica.

É claro que entre o existe um que não e o não há Um que não seja, há a contradição Quando Aristóteles estabelece proposições particulares para opor às universais, é entre uma particular positiva em relação a uma universal negativa que ele institui a contradição. Aqui, é o contrário, é a particular que é negativa e a universal que é positiva. (*ibid*, p. 127)

Na parte superior direita temos “não existe x que não atenda à função de x”, ou seja, não existe x que não atenda à função fálica. E, por último, na inferior direita temos “não-todo x atende à função de x”, ou seja, nem todo x atende à função fálica.

A função fálica é justamente a função da castração (LACAN, 1969[2012]) e o problema que se coloca aqui, ao menos para Lacan, é com a universalização da função da castração e com aquilo que se apresenta na tábua como um não-todo a essa função. Haveria um não-todo em relação à castração? Qual seria seu estatuto de existência? Mítico? Podemos discutir o sexo dos anjos?

Então, no que concerne ao que necessita a existência, partimos justamente desse ponto que inscrevi há pouco, a hiância do indecidível, isto é, entre o não-todo e o não-uma. E depois, chega-se à existência. Depois disso, chega. A quê? Ao fato de que todos os homens estão em potência de castração. Chega ao possível, pois o universal nunca é nada além disso. Quando vocês dizem que todos os homens são mamíferos, quer dizer que todos os homens possíveis podem sê-lo. E depois disso, aonde chega? Chega ao objeto a. É com isso que temos relação. E

depois, chega onde? Chega onde a Mulher se distingue por não ser unificante. (LACAN, 1971-72/2010, p. 130)

Outra questão que fica em aberto para trabalho é como o Universal e o Particular se articularão na partilha dos sexos. A todo tempo no “Seminário – Livro 19: ou pior” e no “Seminário – Livro 20: mais ainda” vemos Lacan preocupado em definir como o universal e o particular se articulam dentro das posições sexuadas. Mas por que isso é importante? O que o universal e o particular podem situar sobre a função fálica ou não-toda fálica dentro da partilha dos sexos? As posições discursivas repensam a categoria do universal do todo a partir do furo do não-todo? Ou é a partir do furo do não-todo que é possível pensar na própria função fálica? Essas são algumas das muitas perguntas que me faço ao me deparar com tais proposições. Entretanto, gostaria de sustentar a partir de um escrito de Lacan que tais posições não são fixas, mas que há nelas uma circulação.

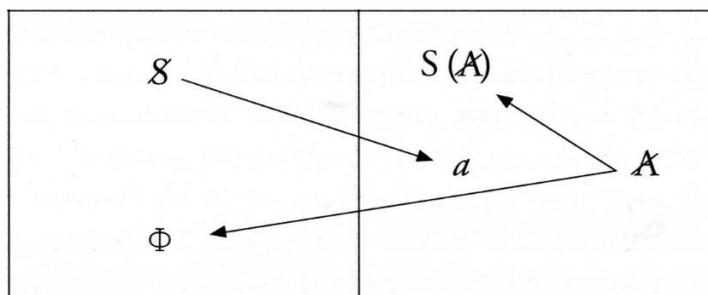
Então, trata-se de saber como, no meio de tudo isso - espero que ao menos alguns tenham tomado nota - funciona algo que poderia parecer uma circulação. Para isso, é preciso que nos interroguemos sobre o modo como estão colocados esses quatro termos... (*ibid*, p. 128)

Lacan (1971-72/2010) salienta que existe uma função do não-todo essencial para um tipo de relação com a função fálica na medida em que essa função – a fálica – funda a (não) relação sexual. Ao que parece o psicanalista salienta uma relação de proximidade entre a função dita fálica com a função do todo e essa, conseqüentemente, com a relação sexual.

o não-toda, longe que se possa extrair daí a afirmação de que existe uma que não está sob o efeito da castração, indica pelo contrário um modo particular deste efeito, a saber, que ele está em 'alguma parte' e não por todas as partes. O para-todo da posição homem é também um por-todas-as-partes. O “alguma parte”, e não por todas as partes, da posição mulher, se diz: não toda. (BADIOU, 2002, p. 276)

Em suma, cabe questionar qual é a relação que se estabelece entre a lógica não-toda com a lógica toda. A lógica toda é a lógica fálica? Ao que parece sim, ao menos com essas indicações. Tais lógicas são lógicas de que? De discurso? Como elas se relacionam com o *parlêtre*? Ou com o ser sexuado?

Na segunda parte da tábua encontramos outros elementos que irão nos interessar a trabalhar ao longo do doutorado, mas que no momento irei apenas apontar.



Do lado homem temos então dois elementos: $\$$ e o ϕ . O $\$$ é o sujeito barrado e o ϕ é o símbolo designado ao falo. Em relação a esse termo, Lacan (1972-73/2010) aponta que pode também “se sustentar como significante”, pode “se encarnar como S1” e “significa que não tem significado”.

Do lado da mulher encontramos três elementos: $S(A)$, A e o pequeno a . A respeito do primeiro termo, $S(A)$, temos, segundo Lacan (1972-73/2010), “radicalmente o Outro” e “diferentemente do significante, não há um Outro do Outro”. Já o A se trata de A mulher enquanto não toda, barrado justamente porque “A mulher não existe”. E, por último, temos o pequeno a como objeto causa de desejo que muitas vezes Lacan enuncia em seu ensino.

Existem três setas presentes na tábua: uma que vai do $\$$ ao objeto pequeno a , e que, para Lacan, representa a fórmula da fantasia e tem uma função de suporte ou de princípio de realidade presente no Freud – e está localizada do lado homem. As duas outras setas se localizam saindo do lado mulher apontam justamente para a justificativa do porquê A mulher ser não-toda: porque ela mantém uma relação dividida para com o $S(A)$ e com ϕ .

Nada pode ser dito de A mulher. A mulher tem um relação com esse $S(A)$, por um lado e é já nisso que ela se desdobra, que ela é não toda, já que por outro lado ela pode ter essa relação com esse ϕ que, na teoria analítica, designa esse falo, que eu digo ser precisamente o significante que não tem significado. (LACAN, 1972-73/2010, p. 171)

A respeito da relação da mulher com o falo, Lacan afirma:

Mas acontece que as mulheres também são almorosas, o que significa que elas “almam a alma”. O que pode vir a ser essa alma que elas “almam” no parceiro que, no entanto, é *hommo/homme* até não poder mais, situação da qual elas não se livrarão? Isso só pode, efetivamente, conduzi-las a esse termo último, e não é à toa que eu o chamo de *usteron* como se diz em grego, histeria, ou seja, se fazerem de homem, como eu disse, serem por este fato “homenssexuais”, se posso me exprimir assim, ou *horsexe* (fora-sexo), elas também. É difícil, para elas, não sentirem

desde então o impasse que consiste em que elas mesmas no outro, pois afinal não há necessidade de se saber outro para ser como ele. (LACAN, 1972-73, p.176)

O interessante dessa parte é como Lacan aponta que, para a mulher amar ou ser amada por um homem, ela precisa se relacionar justamente com esse significante que nada significa. A histeria partiria de *A* mulher para o lado homem da tábua?

Como disse antes, a intenção ainda não é extrair as consequências dessa escritura e sim poder apontar o quão rica e clínica é a forma como ela se apresenta para a psicanálise e para o psicanalista. Ela “diz respeito ao que habita a linguagem” (LACAN, 1972-73/2010).

O que resta aqui é a seguinte pergunta: trabalhar com o falo enquanto significante e com a tábua da sexuação – que aponta um lado homem e outro mulher – significa que a psicanálise é falocêntrica? Lacan faz uma distinção importante, como foi abordado no início deste capítulo, entre o falo e o pênis: um é o significante e outro é o órgão sexual masculino. Trabalhar com um significante fálico, que está colocado para o *parlêtre*, significa perpetuar um discurso que coloca as mulheres no lugar de troca, de objeto e submetidas aos homens? É de homens e mulheres que Lacan fala na tábua? Se não é, como sustentar que não? Tais perguntas encerram esse trabalho como proposta de continuidade, já que é importante para o meio psicanalítico poder se ater a essas questões com mais paciência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei essa pesquisa trazendo a importância que os trabalhos feministas têm conquistado em diversos espaços e o quanto isso afeta a própria cena psicanalítica. A psicanálise é uma teoria que visa sustentar uma clínica, mas isso não impede que em diversos momentos ela dialogue com seu momento cultural e com as demandas da cultura em que ela está inserida. Lacan (1953/1998) ressalta algo importante para a clínica e adverte o psicanalista de que a dialética não é individual e de que a questão do término de análise é um momento em que algo da satisfação de cada um se associa numa obra humana. A psicanálise se diferencia nesse processo, pois ela “funciona como mediadora entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto” (LACAN, 1953/1998, p.322), e também porque ela exige uma longa ascese subjetiva. Mas o mais importante desse pequeno parágrafo localizado no texto “Função e campo da fala e da linguagem” é a parte em que o autor diz que o psicanalista que “não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (*ibid*, p.322) deve renunciar a sua posição de analista. Pois, para Lacan – e hei de concordar com ele –, “como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete em essa vidas num movimento simbólico?” (*ibid*, p. 322). Esse trabalho é o trabalho de uma pesquisadora que se esforça para fazer com que a psicanálise dialogue com questões de sua época e por isso retomei diversas questões que são batidas dentro do meio psicanalítico, questões importantes como histeria, sexualidade, história, etc.

Foram levantadas diversas questões na introdução desse trabalho que talvez eu pudesse resumir em uma: como a psicanálise trabalha com as questões das mulheres? Sendo uma pergunta muito geral tive que fragmentar ela, pensar o que seria essa pergunta em Freud e pensar como Lacan retomou essa questão.

Em Freud foi visto que a porta de entrada para a psicanálise foi feita a partir da própria pergunta que a histeria colocava sobre a sexualidade. Por isso o primeiro capítulo se intitulou de “Histérica, sexualidade e seus destinos”. São esses três significantes que marcam ao longo da obra freudiana as elaborações acerca da feminilidade e da mulher.

O pai da psicanálise foi capaz, em um primeiro momento, de recolher em sua escuta um discurso que estava sendo apagado dentro de uma lógica médica. A histeria foi, e talvez sempre será, o primeiro ponto no qual se deve parar e (re)elaborar para pensarmos o feminino. Nesse ponto surge a questão de como para histeria se colocava a

sexualidade e o feminino. Ao que parece, mesmo a histeria não sendo uma neurose restrita às mulheres, ela mesmo assim coloca a pergunta sobre a sexualidade feminina.

Foi preciso retomar os casos de histeria que Freud trabalhou para poder extrair deles as principais relações que a histeria colocava em jogo, relações essas que se manifestavam em seus discursos, em seus sonhos e em seus corpos. Com Dora foi visto a insistência que Freud teve de interpretar algo que Dora não queria saber e como isso lhe custou o fim das sessões, mas ainda assim, Freud conseguiu recolher um dos principais pontos que ele poderia ter explorado melhor: a relação de Dora com a senhora K.

Quando a sexualidade é tomada por Freud, em um primeiro momento, é tomada a partir de uma não divisão entre os sexos, ou seja, a sexualidade estaria colocada para a menina e para o menino da mesma forma. É com a elaboração da segunda tópica, e possivelmente com o avanço das exigências clínicas, que Freud pôde pensar a sexualidade feminina como diferente da sexualidade masculina. Muitas elaborações são importantes nesse ponto, como por exemplo a importância do pré-Édipo para a constituição da sexualidade. Mas acredito que é também nesse ponto que fica clara a ambiguidade e ambivalência que Freud mantém com essa temática, ou seja: é a partir de suas elaborações sobre a feminilidade e sua sexualidade que é possível ver os conflitos que o próprio Freud teve a respeito desse estudo.

O objetivo do primeiro capítulo foi o de sustentar uma leitura onde esse conflito não se resolvesse. O que eu quis demonstrar foi justamente um Freud conflituoso e dividido perante suas elaborações. É possível assumir de uma vez e concluir sem a menor dúvida que Freud era machista? Não, mas é possível assumir que há seus lugares de vacilação entre um pesquisador empenhado e causado pelo seu desejo e um homem do século XIX.

Isso me levou diretamente a uma das principais críticas que o pai da psicanálise sofreu: a de que a psicanálise é um discurso que localiza a mulher em um estrutura submetida ao homem e sustenta que as únicas saídas femininas deveriam ser se manter nessa posição mas sem sofrimento perante a ela. Essa crítica é construída e fundamentada por Simone de Beauvoir. Para além de apontar os erros teóricos que encontramos no texto de Beauvoir, o que me interessou ao longo de toda essa elaboração foi ver o que, em Freud, Beauvoir conseguiu ler para sustentar seu ponto. Se há esse tipo de leitura, no que ela foi embasada? A autora traz a importância de localizarmos a psicanálise a partir de um contexto histórico e, se assim fizermos, encontraremos a verdade de diversas pessoas

de uma determinada época. O que é estrutural? E o que é histórico? Onde essas duas formas de narrativas se encontram?

Lévi-Strauss nos aponta o caminho que determina a construção simbólica de nossas vidas. A partir do momento em que ele consegue extrair que na base de nossa constituição simbólica, e também familiar, há um sistema de trocas, e que nesse sistema a moeda que circula, ou seja, o objeto que se troca são as mulheres, podemos perceber o quanto é necessário que a mulher seja mantida nessa posição: a de um objeto, e não a de um sujeito. O autor negou que o fato de as mulheres serem objeto de troca é uma informação importante. Para ele pouco importava se o que se trocava eram homens ou mulheres: o que importava era localizar um sistema de trocas. Gayle Rubin, contudo, traz todo seu debate para o ambiente político. Não se trata apenas de um troca de mulheres, e sim do tráfico de mulheres.

Se há um sistema no qual as mulheres não tiram nenhuma vantagem de serem trocadas, como isso pode ser ignorado? A própria autora ressalta toda a impotência que esse sistema causa nas mulheres, o quanto ele é heteronormativo, o quanto anula qualquer desejo que um mulher possa ter para além do que os homens determinam e o quanto uma mulher é mulher a partir do pai, do irmão, do marido, do filho, ou seja, de qualquer homem que tenha o domínio sobre ela.

Esse segundo capítulo foi fundamental para trazer à tona todo o valor de localizarmos a discussão do feminino e da mulher dentro de um campo histórico e político. É a partir desses dois pontos que se pode avançar dentro da pesquisa psicanalítica. O quanto é importante ainda falarmos de inveja do pênis? Se não for a inveja do pênis, a partir do que se pode construir uma teoria da feminilidade na psicanálise? Insistir em basear toda uma sexualidade pautada simplesmente na ordem fálica? Ou submetida a sexualidade masculina? Essa, para além das conclusões tiradas neste trabalho, são algumas perguntas que se abrem ao longo dessa elaboração.

É no último capítulo que começo a trabalhar a releitura da Lacan sobre a obra de Freud. O principal objetivo foi o de retomar algumas colocações que foram feitas no primeiro capítulo e repensar como Lacan elabora tais conceitos. Ao tomar o Édipo, Lacan faz um trabalho de pontuar as principais diferenças entre ele e o complexo de castração. O primeiro não será universal, sendo restrito aos neuróticos; já o complexo de castração estará colocado para todo e qualquer ser faltante. A castração toma a cena: homens e mulheres são castrados a partir do momento em que habitam a linguagem, não são castrados ou temem a castração por conta de um órgão. São castrados porque falam.

Fiz a escolha de retomar o caso Dora, até porque esse caso foi bastante trabalhado no primeiro capítulo. É a partir dele que Lacan faz uma referência importante ao próprio trabalho de Lévi-Strauss. O que vai importar aqui é a localização que Lacan faz de uma relação quaternária entre o pai de Dora, a senhora K., Dora e o senhor K e em como o que está em jogo nessa relação é o enigma que Dora sustenta sobre o que faz um homem se interessar por outra mulher. O que acaba com o equilíbrio dessa relação, segundo Lacan, é justamente o movimento de investida que o senhor K. faz em direção a Dora e como ele diz que não há nada entre ele e sua esposa. Para Lacan, esse é um ponto importante porque é a partir disso que para Dora ela é totalmente objetificada – e sua questão vira insustentável. Então, por mais que na estrutura histórica haja algo que retire de uma situação algum tipo de satisfação, esse algo não é a posição de puro objeto, e sim uma posição de objeto diante do desejo do Outro. O lugar de objeto e lugar de objeto do desejo do Outro são lugares diferentes que Lacan, ao demonstrar esse caso, e em muitos outros momentos, elabora em sua teoria.

O último ponto desse último capítulo traz a discussão sobre as fórmulas da sexuação, e é um ponto onde tiro mais questões que conclusões. Partimos de um lugar onde a mulher é colocada como objeto e chegamos a uma diferenciação importante de um lugar de objeto diante do desejo do Outro. Mas a elaboração não para aí, pois é com as fórmulas que Lacan nomeia um lugar do homem e um lugar da mulher dentro de uma lógica fálica e uma não-toda fálica.

Agora vem a grande questão que fica em aberto nessa pesquisa – e talvez seja a grande conclusão: por que não? Se Lacan, ao mesmo tempo, localiza a mulher e o homem como significantes, mas um tempo depois elabora duas lógicas (ou uma?) e nomeia cada uma delas como sendo uma do homem e outra da mulher, a que homem e a que mulher ele estaria se referindo? Manter uma lógica da ordem fálica, da ordem significante sendo a do homem, e outra sendo uma ordem não-toda fálica e portando o significante da falta no campo do Outro como a da mulher significa o que para a pesquisa dentro da psicanálise? Significa localizar a mulher de que forma nessa lógica?

Trabalhar com o significante fálico e com o significante que falta no campo do Outro significa trabalhar com a ideia de que o feminino finalmente encontra algum tipo de constituição que vai para além da ordem fálica? A novidade das fórmulas é tirar as mulheres do lugar de significante e abrir uma outra dimensão que não seja a exclusividade (que sempre apareceu nas elaborações freudianas) da primazia fálica? Fico com essas questões.

6. BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Categorias*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2010.
- ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMBRA, P.; DA SILVA JR, N. **Histeria, patologia de gênero**. In: Histeria e Gênero – Sexo como desencontro. São Paulo: nVersos, 2014.
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** . Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BADIOU, A. **Sujeito e Infinito**. In: Condiciones. Buenos Aires: siglo xxi editores argentina, s.a., 2002.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos (Volume 1)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1949a) 2016.
- _____. **As Estruturas Elementares do Parentesco, de Claude Lévi-Strauss**. Campos, Curitiba, v.8, n.1, p. 183-190, (1949b) 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/viewFile/9547/6621>
- BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 2ed.
- COSSI, R. **Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos**. São Paulo: Annablume Psicanalítica, 2018.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016
- DIDI-HUBERMAN, G. **Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- FEDERICI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Nova Cultural, 2002
- GESTIN, M.; MATHIEU, N. **Claude Lévi-Strauss e (sempre) a troca de mulheres: análises formais, discursos, realidades empíricas**. In: O gênero nas ciências sociais – releituras críticas de Max Weber e Bruno Latour. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014
- BREUER, J.; FREUD, S. (1895). **Estudos sobre a histeria**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

- FREUD, S. **As Neuropsicoses de Defesa**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, (1894) 1990, p. 49-65.
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras completas volume 6. São Paulo: Companhia das Letras, (1905) 2016. p. 13-172
- _____. **Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”)** In: Obras completas volume 6. São Paulo: Companhia das Letras, (1905) 2016. p. 173-320
- _____. **Totem e tabu**. Porto Alegre: L&PM, (1913) 2013.
- _____. **A organização genital infantil**. In: Obras completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, (1923) 2011. p. 168-175
- _____. **A dissolução do complexo de Édipo**. In: Obras completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, (1924) 2011. p. 203-213
- _____. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. In: Obras completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, (1925) 2011. p. 283-299
- _____. **Sobre a sexualidade feminina**. In: Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, (1933) 2010. p. 371-398
- _____. **Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência 33: A feminilidade**. In: Obras completas volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, (1933) 2010. p. 263-293
- HOLLANDA, H. B. **Introdução ao pensamento feminista**. In: Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 9-24
- KEHL, M. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016, 2 ed.
- KOYRÉ, A. **Galileu e Platão**. In: *estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- LACAN, J. **Seminário sobre "A carta roubada"**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (1955) 1998, p. 13-69.
- _____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (1953) 1998, p. 238-324.
- _____. **A significação do falo**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, (1958) 1998
- _____. **O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- _____. **O seminário - livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Zahar, (1957-58) 1999
- _____. **Seminário – livro 10: A angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (1962-3)
- _____. **Seminário – livro 16: De um Outro ao outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (1968-9)
- _____. **Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. (1969-70)
- _____. (1970) **Radiofonia.** In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.400-449.
- _____. **Seminário – livro 18: De um discurso que não fosse do semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (1971) 2009.
- _____. **Seminário – livro 19: ...ou pior.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (1971-72) 2012.
- _____. **Seminário: O saber do psicanalista.** Título original : *Le Savoir du Psychanalyste.* Publicação interna da Associação Freudiana Internacional, Recife: (1971-1972) 2001
- _____. **Seminário – Livro 20: encore.** Edição publicada pela Escola Letra Freudiana em 2010 (1972-73).
- _____. **Lacan in North Armorica.** [recurso eletrônico] / Frederico Denez; Gustavo Capobianco Volaco (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. (1975-6)
- LACQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1952
- LISPECTOR, C. **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAURANO, D. **Histeria: o princípio de tudo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010
- MITCHELL, J. **Loucos e Medusas: os resgate da histeria e do efeito das relações entre irmãos sobre a condição humana.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- PRECIADO, P. **Intervención em las jornadas N° 49 de la École de la Cause Freudienne: Mujeres em Psicoanálisis.** 17 de novembro de 2019. Disponível em: <https://resistaorp.blog/2019/12/12/intervencao-de-paul-b-preciado-nas-jornadas-da-escola-da-causa-freudiana/>

POLI, M. C. **Atualidades do sexual.** In: leituras da clínica, escritas da cultura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 107-148

RABINOVICH, D. **A significação do falo.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

RUBIN, G. O tráfico de mulheres. (1975). In: _____. **Políticas do sexo.** São Paulo: Ubu Editora, 2017b. p. 9-61

SAUSSURE, de F. (1916). **Curso de linguística geral.** 28º ed. São Paulo: Cultrix, 2012

ZAFIROPOULOS, M. **A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan.** Revista Reverso, vol. 31, no. 58. Belo Horizonte, 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200002

ZUPANCIC, A. **Sexualidade e Ontologia.** Revista Estudos Lacanianos, Ano 1, nº 2 (jul – dez 2008) p. 311-325; Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n2/v1n2a10.pdf>